

THOT

UMA PUBLICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA - Nº 59 1994



CULTURANÁLISE
UMA NOVA
METODOLOGIA
NA EMPRESA

AS DEZ
FIGURAS DO
VAQUEIRO NO
BUDISMO ZEN

ENTREVISTA
INÉDITA COM
JORGE LUIS
BORGES



ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA
CENTRO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS

SEDE CENTRAL

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso - São Paulo - SP
CEP. 04003 - Tel.: (011) 288 7356 e 283 0867

GRÁFICA E EDITORA
PALAS ATHENA

Rua José Bento, 384 - Cambuci - São Paulo - SP
cep. 01523 - Tel.: (011) 279 6288 e 270 6979

CENTRO PEDAGÓGICO
CASA DOS PANDAVAS

Bairro do Souza - Município de Monteiro Lobato - SP
CEP. 12250

CENTRO DE ESTUDOS
PALAS ATHENA (Bauru)

Rua 13 de Maio, 12-16 - Bauru - SP
CEP. 17015 - Tel.: (0142) 23 4424

CENTRO DE ESTUDOS
PALAS ATHENA (Santos)

Rua Joaquim Távora, 80 - Santos - SP - CEP. 11065



THOT é uma publicação multidisciplinar da Associação Palas Athena. Seu nome é a forma grega de uma antiga divindade egípcia padroeira dos escribas e dos matemáticos, criadora da escrita, fundadora da ordem social, intérprete e conselheira dos deuses. Geralmente representado com a cabeça de íbis, Thot manifesta a essência do pensamento criador.

THOT nº 59 - julho 1994
tiragem: 6.000 exemplares

Editores: Associação Palas Athena do Brasil, Lia Diskin, Basilio Pawlowicz, Primo Augusto Gerbelli. - **Edição de Texto:** Graciela Karman - **Edição de Arte e Editoração Eletrônica:** Roberto Sanz - **Revisão Técnica:** Lia Diskin - **Revisão de Provas:** Lucia Benfatti Marques, Therezinha Siqueira Campos - **Equipe Thot:** George Barcat, Ieda de Paula, Isabel Cristina M. de Azevedo, Lucia Brandão S. Moufarrige, Maria do Carmo de Oliveira, Maria Léa Schwarcz, Maria Lucia Bugni Carrero, Mirsia Hiromi Nakao, Nilton Almeida Silva, Roberto Ziemer, Rosa Maria Indáttillo, Odete Lara, Verônica Rapp de Eston - **Produção:** Basilio Pawlowicz, Emilio Moufarrige, Sérgio Marques - **Impressão e Distribuição:** Gráfica e Editora Palas Athena - **Assinaturas:** Collaço Veras - **Colaboradores:** Maria Cristina Flores (Argentina), Álvaro Celso Guimarães (Bélgica), Atílio Avancini, Manoel Vidal, Pierre Weil, Takeshi Assaoka (Brasil), Conrad Richter (Canadá), Henryk Skolimovski (EUA), Tica Broch (Suíça) - **Jornalista Responsável:** Graciela Karman.

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitted a reprodução, citando a origem. Os números atrasados são vendidos conforme a última tabela de preços publicada pela Editora Palas Athena. Periodicidade: trimestral. Assinatura por quatro números - Pedidos em nome da Associação Palas Athena do Brasil, Rua Leôncio de Carvalho, 99 (Paraíso), São Paulo, SP, CEP 04003-010 - Fones: 288.7356 e 283.0867. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores.

Matrícula nº 2046. Registro no DDCP do Departamento de Polícia Federal sob nº 1586 P 290/73.

Entre o Mosteiro e a Empresa

Em uma reunião recente da equipe de redação, falava-se da necessidade de cumprir prazos a fim de melhor atingir os objetivos. Alguém salientou que a qualidade do "mosteiro" teria de aliar-se à eficiência da "empresa". A imagem – muito feliz e poderosa – ficou reverberando em nossa mente e, quando demos uma última olhada nas matérias desta **THOT**, ficamos perplexos ao descobrir que isso estava refletido em dois artigos: o do Dr. Humberto Mariotti e o de André Porto.

Até não faz muito tempo, eram espaços distantes, quase opostos. Em um, buscava-se aquela realidade não perturbada pelas contingências e vicissitudes de nosso dia-a-dia – uma realidade além de fracassos e sucessos, longe da correria e agitação que provoca o estar inserido no tempo, onde dependemos uns dos outros para levar a cabo nossas responsabilidades e propósitos. No outro, criavam-se estruturas hierárquicas onde as funções individuais se articulavam com o único intuito de produzir bens e serviços e, obviamente, lucro.

No mosteiro – por assim dizer – dava-se as costas ao mundo; na empresa ficava-se imerso nele. Contudo, hoje presenciamos um esforço gigantesco por parte dos empresários em busca de excelência e humanidade. O lucro, por si só, já não justifica tudo, e é incapaz de preencher os anseios de auto-realização, crescimento e plenitude tanto de empregados quanto de empregadores. Os investimentos destinados à área de Recursos Humanos, os seminários e workshops visando relações mais sadias e fecundas entre dirigentes e dirigidos nunca foram tão expressivos como nos últimos anos.

Os esforços que vêm realizando as instituições religiosas não são menores. Eles se dirigem à aquisição de métodos e tecnologias que possibilitem a transmissão mais clara e eficiente das suas mensagens. Assim, compram redes de televisão, rádios, jornais, procurando uma linguagem mais acessível e direta. Alguns ritos e cerimônias tornaram-se verdadeiros "espetáculos" espirituais, e nada há de sacrílego nisso. Os fiéis querem ser movidos, comovidos pelo sagrado, participar da celebração e consagração de suas vidas.

Tudo indica que o abismo entre o mosteiro e a empresa começa a encurtar-se. Ambos buscam-se e por isso mesmo se aproximam. É um movimento novo, trôpego, mas evidente. Seu espírito conciliatório evoca as palavras de Novalis: "O lugar da alma é ali, onde os mundos exterior e interior se encontram".

Os editores

ÍNDICE			
Entrevista: Borges Revisitado	2	Culturanálise	27
		<i>Humberto Mariotti</i>	
Entre o Cálice e a Espada	10	O Parlamento das Religiões do Mundo	33
<i>Riane Eisler</i>		<i>André de Oliveira Porto</i>	
As Dez Figuras do Vaqueiro no Caminho do Zen	13	A Espiral Contemplativa	36
<i>Verônica Rapp de Eston</i>		<i>Vera Lúcia Paes de Almeida</i>	
O Sol, Nossa Esgotável Fonte de Energia	22	Epifanias	40
<i>Carlos Alfredo Arguello</i>		<i>Saadi</i>	
Carma: Ação e Destino	25	Capa: Fujin e Raijin, deuses do vento e do trovão da mitologia japonesa.	
<i>Manoj Das</i>		Suzuki Kiichi (1796-1858), período Edo.	

ENTREVISTA

JORGE LUIS BORGES

BORGES REVISITADO

Em uma entrevista dada por perdida durante quase vinte anos o escritor Jorge Luis Borges ressurgiu surpreendente e atual.



Não só pelo conteúdo, mas principalmente pela maneira de encaminhar-se no tempo, esta entrevista é o mais puro Borges.

Quem conhece sua obra sabe quanto o escritor foi obcecado por temas metafísicos: o caráter alucinatório do universo, a persistência da memória, a realidade do conceitual sobre a irrealidade do indivíduo e, sobretudo, o tempo, o "abissal problema do tempo", com sua ameaça de repetições e retornos e seu iniludível poder devastador. Daí a presença freqüente de espelhos, perpetuando e desdobrando a imagem que se multiplica criando o duplo, o falso com aparente realidade.

Pois bem, a trajetória desta entrevista assemelha-se a um recurso de ficção que a faz penetrar no universo fantasmagórico de Borges, onde o tempo se alastra para trás e volta como uma onda no mar. E aquilo que pela lógica deveria ter sido desgastado pelo tempo retorna, resgatado pelo próprio tempo.



Francisco Lucrécio Jr. / AE

Em 1976, a pedido de Lia Diskin, já então co-editora de **THOT**, Hugo Levy, seu amigo pessoal, aceitou fazer as vezes de repórter para entrevistar Jorge Luis Borges em Buenos Aires. Mais duas pessoas – que foi impossível identificar na gravação – participaram das perguntas. Infelizmente, pro-

blemas técnicos na gravação tornaram perguntas e respostas inaudíveis. A fita acabou esquecida em um arquivo. Há algum tempo, preocupada em pautar entrevistas para **THOT**, Lia Diskin (que não dá muita importância a sonhos), sonhou com uma voz perguntando: "Onde está a fita?" Acordou intrigada, sem atinar de que fita poderia se tratar. Poucos dias depois, outra vez a voz no sonho: "Procure a fita de Borges".

Depois de uma árdua busca, e graças aos atuais recursos técnicos e a um paciente esforço de transcrição de Lia, foi possível recuperar grande parte de perguntas e respostas.

Embora Borges afirme na entrevista que prefere a morte do esquecimento a ser lembrado, sobretudo como nome de praça, rua, ou qualquer espaço vazio, encerra-a com um poema sobre um homem que diz detestar o mar e no entanto anseia por voltar a ele a cada primavera, sempre em busca das "altas correntes aladas".

THOT – *Fazendo uma retrospectiva da história da humanidade, o senhor acredita numa vocação para a liberdade?*

JORGE LUIS BORGES – Não é fácil responder a uma pergunta tão vaga. Primeiro teríamos que discutir se há humanidade ou não. Eu creio que há indivíduos. O que é humanidade? O que há são indivíduos. Sou aristotélico, não platônico, de modo que a humanidade, como conjunto, não sei se existe. Por exemplo: “Como é o argentino?” Bom, ele não é. Existe A, B, C, D e cada um com diferentes idades, características etc. Uma entidade chamada “homem”, não sei se existe.

Tenho notado que a maioria das pessoas não gosta de pensar. Prefere respostas prontas, e se elas se contradizem entre si, isso não importa muito. Uma vez perguntei a uma amiga o que pensava do *Quixote*. “É um grande livro”, ela respondeu. “Sim, estou plenamente de acordo. Você o leu inteiro?”, perguntei. “Eu, ler isso?! Não, Deus me livre!” Ou seja, era um grande livro e, *ao mesmo tempo*, entendia-se que era uma fonte de tédio inesgotável. Porém, isso não importava nem um pouco.

T – *E a respeito da liberdade, o que nos pode dizer?*

JLB – Não sei se a maioria das pessoas já é digna de liberdade. Não acredito, pelo menos neste país [Argentina]. Haverá países onde as pessoas sejam dignas de liberdade. Morei cinco anos na Suíça e penso que os suíços são dignos de ser livres; não estou tão certo com referência aos argentinos. Nós temos uma grande superstição com relação aos políticos. Na Suíça não existe essa superstição. Quando chegamos lá – éramos catorze visitantes – e perguntamos como se chamava o presidente, eles ficaram surpresos como se tivéssemos perguntado como se chamava o chefe dos Correios. O presidente é um funcionário como qualquer outro e ninguém lhe dá maior importância, ninguém sabe seu nome. Os suíços podem falar sobre problemas

políticos, discutir se convém tomar tal medida ou outra, mas sobre pessoas não.

T – *Com que autor da literatura universal gostaria de encontrar-se?*

JLB – Gostaria muito de encontrar-me com Chesterton e com Bernard Shaw. Mas é claro que há certas dificuldades, como a diferença entre uma pessoa vivente e um cadáver, e eles, sem dúvida alguma, têm mais vida que eu. Não obstante, é difícil para mim responder isso... uma pessoa pode ser interessante conversando e pode não sê-lo escrevendo. Por isso a reportagem, desculpem-me, é um gênero essencialmente falso. Porque obriga as pessoas a serem dramáticas, a responder com maior competência do que aquilo que realmente sentem. Sem dúvida, a resposta mais sincera seria: “Quem sabe...”; “pode ser...”; “se o senhor acha assim...” Mas se a gente quer ser brilhante, fica reduzido a ser um Oscar Wilde ou um Jean Cocteau. Entretanto, como a maioria de nós não tem vocação para Wilde ou Cocteau, tem que improvisar respostas brilhantes que nem sempre correspondem ao que pensa ou sente, mas ao fato de que se espera da gente uma resposta de certo tipo.

T – *No caso, sempre hipotético, de encontrar-se com Chesterton, o que faria com ele? Um projeto? Abordaria algum tema em especial?*

JLB – Gostaria de que me explicasse como chegou a algo tão estranho como ser católico. Porque sem dúvida deve ter encontrado razões muito brilhantes – para mim nada convincentes. Eu não sei quais são as convicções de vocês...

HUGO LEVY – Eu tenho uma visão geral da divindade não focalizada através de nenhum clero em especial, de nenhuma igreja...

JLB – Lembro-me de que uma vez De Gaulle disse que a guerra era demasiado importante para deixá-la em mãos dos militares. E alguém disse que o cristianismo

**Às vezes,
felizmente
poucas, senti
temor de ser
imortal**

é demasiado importante para deixá-lo em mãos dos padres. Ou a medicina em mãos dos médicos. Agora, há uma frase muito boa de Shaw que diz: *God is in the making* – Deus está fazendo-se. É também uma idéia de H.G.Wells. Uma Dignidade que está abrindo caminho através da matéria, através de nós e por meio de nós e que nós devemos ajudar. Nesse sentido eu acredito na moralidade, na ética. E lembro-me de uma admirável biografia satírica do Dr. Johnson sobre Milton. Milton teve uma idéia, que pode ter sido estranha no século XVII: na escola primária que mantinha em sua casa – onde havia alfabetizado suas próprias filhas – ensinava a seus alunos não apenas latim (como era habitual), matemática etc., mas também mineralogia, botânica, zoologia, astronomia e outras coisas. Isso agora parece natural, mas estamos falando do século XVII. E Johnson, no século XVIII, indigna-se com ele e diz que é um grande erro de Milton porque os homens são raras vezes botânicos, raras vezes astrônomos; “o homem”, ele diz (ele era cristão), “não foi enviado para vigiar o movimento dos astros ou o crescimento das plantas”. É evidente que não. Mas todo homem no fim de cada dia realizou centenas, milhares de ações e, geralmente, sabe se agiu bem ou mal. O homem, conclui Johnson, é raras vezes botânico ou astrônomo, mas é continuamente moralista. Isto é: sempre que agimos sobre fatos importantes, sentimos se agimos bem ou mal. Às vezes mentimos e pensamos que fizemos bem, outras que fizemos mal – não há regras gerais para isso.

T – Borges, de que cor é a alma?

JLB – De que cor é a alma...? Não sei. É como perguntar o sabor da Lua. Antes de mais nada temos de saber se existe a alma. A terça parte da humanidade, os budistas, nega a alma, acredita que não há alma e, ao morrer, o homem criou uma espécie de artifício que é o carma, que determina o autodestino, porém isso não é sua própria alma.

O que posso fazer é responder com uma alegoria, que é uma maneira de não responder. Se eu dissesse que é de cor branca ou de todas as cores, ou que a alma é negra, penso que não teríamos avançado nada com essa resposta; nem com a pergunta.

T – O senhor teme a morte?

JLB – Não. Eu a espero, e com bastante impaciência. E às vezes, mas felizmente poucas, senti temor de ser imortal. Tenho pensado que os argumentos a favor de que cada um de nós irá ocupar seu lugar na Recoleta (cemitério de Buenos Aires), somente são de ordem estatística, nada mais. Sabemos que isso tem acontecido com milhões de pessoas, então supomos que também acontecerá conosco. Mas, de fato, não temos nenhuma certeza. Pode acontecer que conosco – somos quatro pessoas aqui – comece uma nova geração de humanos. Longevos. Nada de impossível há nisso. Sabemos que alguma vez os tigres começaram a ser listrados. Ora, essa imortalidade seria terrível, porque agüentar uma vida já é difícil, mas agüentar uma vida imperecível é tremendo.

Eu sempre volto a certos autores, porque são os autores que pensaram por mim realmente. Shaw, referindo-se aos americanos do Norte, dizia: pensem quão profundo sentimento religioso tinham os mórmons; pensem como uma comunidade inteira – nada desprezível em termos numéricos – por razões religiosas casava-se várias vezes e suportava várias mulheres, quando nós apenas conseguimos suportar uma. Vejam ao que leva o sentimento religioso!

De modo que eu espero morrer, e espero morrer completamente, e desagradame a idéia de que, uma vez morto, alguém venha a escrever sobre mim.

Quando fui presidente da Associação Argentina de Escritores propus, para simplificar a tarefa dos passageiros e dos motoristas, que não se modificassem no futuro

os nomes das ruas; que esses nomes ficassem tal qual para não importunar ninguém. Sobretudo que não dessem o nome deste escritor a nenhuma rua, a nenhum lugar, porque a idéia de converter-me em uma estação, num estacionamento, num espaço vazio, não me parece especialmente agradável. Além do mais não se consegue nada com isso. Tomemos os nomes das ruas de Buenos Aires: geralmente não comemoram nada. Fala-se da rua Canning, mas quantas pessoas lembram que foi o primeiro ministro estrangeiro a reconhecer a República Argentina? Ninguém. Fala-se da rua Florida, não sabemos por que se chama assim; fala-se da rua Schiaffino, e não recordamos que ele fundou o Museu de Belas Artes. De modo que o que se consegue com isso é o total esquecimento das pessoas, porque se tornaram lugares.

Lembro de que quando era criança – eu cresci no bairro, então distante, de Palermo – pensava que o nome das ruas era o nome natural delas e não que correspondesse a pessoas ou fatos históricos.

Minha concepção de morte talvez possa explicar-se por uma razão histórica: meu pai era, como todos os senhores do seu tempo, um livre-pensador, agnóstico, além de ser também um anarquista. Minha mãe é católica, como a maioria das senhoras de Buenos Aires; isto é, pessoas que têm muita fé na Virgem de Luján ou na Virgem da Mercê; em síntese, idólatras; minha avó, que quiçá tenha sido uma pessoa realmente religiosa, era anglicana de tradição metodista, e sabia a Bíblia de cor. E todos nos gostávamos muito e as diferenças de crença nunca foram motivo de discussões.

T – Já que estamos rodeando o tema, o senhor acredita em Deus? No caso de acreditar, o que poderia dizer-nos Dele?

JLB – Não. Em Deus como um indivíduo não creio, pelo mesmo motivo de Spinoza. Ele dizia algo como “se os triângulos tivessem um Deus, esse Deus seria triangular; se os hexágonos tivessem um Deus,

Ele seria hexagonal”. De igual modo, o homem dotou Deus com qualidades humanas. No final do Livro de Jó, Deus se indigna porque queriam medi-lo com medidas humanas, dizer que é justo, que é bom. Ele, em suma, disse o que Spinoza viria a dizer depois, isto é: Ele não quer ser julgado como triangular ou hexagonal, Ele tem suas próprias condições e essas condições não têm por que ser entendidas como humanas.

Na mitologia escandinava encontramos outra concepção; nela não há um Deus, há um Destino, ou melhor, *uma* Destino – porque é mulher. Nessa mitologia os deuses deram seus nomes aos dias da semana. *Free*, por exemplo, quer dizer paixões, é o dia de Vênus, de onde nós extraímos a palavra venusino, e desta a das enfermidades venéreas – doenças de amor e Vênus.

T – Falando de amor, o senhor acredita que exista o amor?

JLB – É, às vezes existe tanto que se converte numa espécie de loucura e de obsessão. Não estou falando de meu caso pessoal; mas ocorre com outras pessoas. Aqui vem outra vez uma frase de Shaw (como podem perceber, é o único autor que li). Ele dizia: para Fulano de Tal, Fulana era o supra-sumo da beleza, a justificação do universo, o acontecimento mais extraordinário na história universal, objeto de delícia contínua, sua voz era superior a toda música etc. etc. Logo acrescenta: para sua mãe, para suas irmãs, para a costureira, para a arrumadeira, *não* era exatamente o mesmo. Para elas não era a justificação do universo.

T – O que representa a amizade para o senhor?

JLB – Eu diria que quiçá seja a única sincera paixão argentina. Acredito que sentimos a amizade talvez de um modo desesperado ou doentio, prejudicial, mas a sentimos mais do que os homens de outros países. Por exemplo, se pertencço a um júri

**Compro livros
porque sinto
prazer com a
posse física deles**

de um concurso e um amigo meu se inscreve nele, e eu voto em outra pessoa, não apenas ele pensa que eu faço mal, como eu mesmo me sinto agindo mal. Entretanto nos Estados Unidos – morei lá durante um ano – não acontece uma coisa dessas; lá se entende que se eu faço parte de um júri meu dever é procurar a pessoa mais adequada para o cargo. O fato de ser amigo ou inimigo dela não tem a menor importância. E eu sei que o amigo que descartei também entende desse modo – apesar de ser meu amigo. Em contrapartida, aqui o amigo sentiria isso como uma traição e eu mesmo me sentiria um traidor. Tratando-se de inimigos ocorre o mesmo.

Lembrando a Guerra de Secessão nos Estados Unidos, vemos como Lincoln, muitas vezes, deu cargos de grande importância a pessoas que lhe desagradavam pessoalmente, mas que lhe pareciam as melhores para esta ou aquela função. Agora, o fato de que estivesse brigado com elas ou que elas falassem mal dele não tinha a menor importância. E atenção: isto não era uma espécie de vingança sutil por parte de Lincoln, não, era natural.

Então, nós sentimos primeiro a amizade pessoal; em outros países sente-se o dever que o indivíduo tem para com a sociedade, para com os demais, e a amizade pessoal é algo como a vizinhança – algo casual.

Também sentimos isto com relação ao culto aos antepassados. Eu sou parente longínquo de uma família que vendia escravos na Praça do Retiro, e mencionei isso num artigo publicado em Buenos Aires. Esses parentes reclamaram por eu ter contado. Eu me senti culpado – também sou argentino – e lhes disse: “Bom, os demais, o que fazíamos naquele tempo? Vendíamos vacas, touros, bezerras, cavalos. Vocês vendiam homens, que é uma mercadoria mais nobre, mais complexa...” Óbvio que não me sentiram muito sincero e não se mostraram nada satisfeitos. Ficaram desgostosos porque eu tinha dito que seus antepassados vendiam escravos.

T – *Há uma frase sua que diz “o mundo como representação e vontade”... (Borges interrompe).*

JLB – Não, essa frase não é minha, é de Schopenhauer. A idéia é muito simples: o mundo existe como uma série de percepções – o idealismo, Hume, Platão etc. Por exemplo, vemos as cores, as formas das coisas; essas são representações, porém como vontade, porque há uma vontade que *quer* que essas representações prossigam. Essa vontade seria Deus, um Deus que não necessita ser um eu pessoal mas que trabalha por meio desse destino... todavia, eu não quero tirar a Schopenhauer a patente de sua idéia.

T – *Ver as formas borradas, como o senhor as vê, facilita uma visão ou uma contemplação maior de seu mundo interior?*

JLB – Eu não vejo formas. Vejo a cor amarela e manchas cujos contornos não sei onde estão. Quanto a facilitar, não facilita, mas obriga a gente a trabalhar mais, tem essa vantagem. Uma coisa de que eu gostava muito era cinema. Gostava de todos os filmes de faroeste, de gângsteres. Se for ao cinema agora, não distingo se na tela há um rosto ou a planície do Arizona... isso não vejo.

Aos domingos saio para caminhar um pouco, mas em cada esquina tenho que parar alguma pessoa para que me ajude a atravessar a rua, porque sozinho não me atrevo. Ler e escrever – que eram grandes prazeres para mim – me estão vedados. Mas continuo comprando livros por essa superstição da qual Schopenhauer dizia: “Quando vendem um livro para a gente, deveriam vendê-lo com o tempo necessário para lê-lo”. Muitas vezes a gente confunde a posse material de um objeto, digamos, um livro, com a posse do conteúdo. E eu continuo comprando livros porque sinto prazer com a posse física do livro.

T – *Alguma vez se sentiu sozinho?*

JLB – Sempre. Sobretudo agora. Aqui em Buenos Aires tenho poucos amigos, uns

cinco ou seis com quem posso conversar. Não vou a reuniões literárias, nunca; nem a comemorações literárias; a banquetes literários também não vou.

Antes, quando jovem, era muito ingênuo, tinha a idéia de que aquilo que se chama "sociedade" em geral ou "mundo social" devia ser um mundo superior. Eu pensava: um mundo de pessoas ociosas, a quem o dinheiro não tem por que interessar (a verdade é que lhes interessa muito), um mundo de pessoas onde as mulheres ou são lindas ou se supõe que o sejam, e no qual os homens estão dedicados a ser amáveis uns com os outros. Sem dúvida, esse mundo tem de ser bastante paradisíaco. Quando cheguei a conhecê-lo, vi que não era muito diferente do resto, que não era essencialmente distinto.

Por volta de 1930, começaram a interessar-me os malfeitores, fiquei amigo de vários malandros e descobri, apesar de muito jovem, que não basta ter as mãos limpas de sangue para ser santo. O exercício do crime, e também o dos relacionamentos sociais, não melhora as pessoas.

Depois cheguei a outra superstição. Meu pai foi professor de psicologia (era excelente como professor), então eu me dizia: "O mundo dos professores deve ser superior a outros porque um mundo de pessoas dedicadas a ensinar outros, a estudar, a aperfeiçoar seus conhecimentos para transmiti-los aos demais, a educar e ajudar as futuras gerações tem de ser, sem dúvida, o melhor dos mundos que se possa conhecer".

Mais tarde, fui professor, da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires (durante catorze anos), da Universidade Católica, da Associação Argentina de Cultura Inglesa, da Universidade de La Plata. Percorri o país dando conferências e descobri que o mundo dos professores (estou generalizando, estou platonizando outra vez) é tão mesquinho como qualquer outro; um mundo cheio de dualidades, onde se trata de ficar bem com o diretor, ou se conspira contra ele

para mandá-lo embora. Assim, a minha idéia de que o mundo pedagógico era um mundo paradisíaco se desvaneceu.

Encontrei mundos diferentes, ambientes diferentes, mas mundos muito superiores a outros não encontrei. O mundo que melhor conheço é o dos escritores e editores, e talvez seja o pior – é muito ambicioso e há uma razão para isso. Se sou um carpinteiro, trata-se de que eu fabrique uma cadeira na qual alguém possa sentar sem correr perigo de quebrar uma perna, e que essa cadeira dure um tempo razoável. Em contrapartida, se sou um escritor, aspiro não só a escrever um livro, mas um livro superior a todos os demais livros, diferente deles, que inaugure uma revolução nas artes, e aí me torno mais vaidoso, mais insuportável que um carpinteiro.

T – *Em um mundo de diferenças, o que é a admiração para o senhor?*

JLB – Às vezes, uma coisa muito incômoda...

T – *O senhor conheceu a casa de Victoria Ocampo, em San Isidro?*

JLB – Sim, freqüentei-a várias vezes. Agora estão tentando vendê-la porque... bem, o país foi muito ingrato com ela, e ela fez muito bem ao país. As pessoas dizem: "Os Ocampo são ricos e é natural que após terem gastado boa parte de sua fortuna agora ela esteja no fim". Dona Victoria está agora com condições econômicas reduzidas após ter sustentado durante anos a editora Sur e sua revista [do mesmo nome]. Agora, isso é injusto, porque há muitas pessoas ricas que costumam dedicar esse dinheiro a deixar-se explorar por alfaiates em Londres, costureiros em Paris, hoteleiros em Mar del Plata... Acredito que Victoria trouxe um grande benefício a este país, onde se criou um ambiente hostil a ela, primeiro por ser uma mulher de posses e, depois, por haver um judeu na sua família – coisa que para mim não tem a *mínima* importância. Às vezes, as pessoas esquecem que Jesus era judeu também.

**Os hindus
sempre me
causaram pouca
impressão**

T – *Que importância teve Sur na vida do país?*

JLB – A mim, pessoalmente, ajudou muito. Publicavam minhas colaborações... bom, nem todas, às vezes as recusavam. Também conheci ali gente muito interessante como Luis Soler, Pedro Henríquez Ureña, Adolfo Bioy Casares, Silvina Ocampo que, independente de ser a irmã caçula de Victoria, é uma boa escritora.

Acredito que a revista prestou um grande serviço. E não apenas isso. Victoria é uma mulher muito valente, passou um mês no cárcere – como passaram minha mãe e minha irmã – por razões políticas durante a ditadura. Victoria é inteligente, escreve bem e penso que, quando se escrever sobre a história recente ou a cultura argentina, ela terá um lugar importante, tanto aqui quanto no Uruguai e nos países vizinhos.

T – *O senhor conheceu alguns dos personagens que ela trouxe à Argentina?*

JLB – Sim, quase todos. Creio que o que mais me impressionou foi Drieu La Rochelle. Ortega y Gasset não me impressionou nada, a tal ponto que muitas vezes me pergunto se o conheci ou não. Creio que era um excelente pensador mas escrevia muito mal; ele deveria ter contratado alguém para escrever seus livros pois o mais importante são suas idéias – seu estilo é realmente horrível.

T – *Que impressão lhe causou Rabindranath Tagore?*

JLB – Nenhuma. Os hindus em geral – não os siques, mas os hindus – me causaram pouca impressão. Uma vez, em um churrasco para escritores estrangeiros na fábrica “La Martona”, que pertence à família de Adolfo Bioy Casares, junto com meu amigo Adolfo encontramos um senhor evidentemente hindu que nos disse: “Não necessitamos divãs, aqui temos a grama. Não necessitamos música, aqui ouvimos o canto dos pássaros. Não necessitamos dosséis, temos a copa das árvores”. Nesse momento Adolfo e eu nos olhamos e

saímos, e deixamos esse senhor falando sozinho, porque é impossível falar com um homem assim.

Depois pensamos que talvez na Índia esse seja o modo de falar e dizer: “Como está o senhor?”; talvez seja a maneira ideal de iniciar uma conversa. Mas tudo isso tinha sido dito em tom extraordinário, tão cerimonioso, tão longo... Entretanto, tudo isso é convencional. Uma das pessoas mais inteligentes que conheci foi um rapaz mexicano. Conheci-o no Texas, em Austin, na capital do Texas, onde morei uns seis meses. Em uma oportunidade em que me encontrei com este mexicano lhe perguntei: “Austin é uma cidade grande ou pequena?” “Bem”, ele disse, “Austin é uma cidade grande... pequena...” Conhecendo-o um pouco, entendi que não queria comprometer-se, coisa comum entre os mexicanos e entre os camponeses daqui também. Eles não lhe dizem: “Sim”, mas “Bom, é como o senhor diz”.

Esse rapaz mexicano era muito bonito e metade das meninas da universidade estava apaixonada por ele. E estava um pouco desesperada também, devido ao estilo de sua conversa, que evitava comprometer-se. Acostumei-me com isso e percebi que para falar com ele era melhor prescindir de dúvidas, porque se houvesse alguma ele responderia assim. Porém, era uma pessoa inteligente, a quem agradava pensar e desagradavam profundamente as discussões. Então respondia de modo vago para ficar bem. Contudo, como fonte de informação não era muito preciso.

T – *Como eram as tertúlias com Macedonio Fernández naquela confeitaria do bairro de Once?*

JLB – Eram muito boas. Macedonio quase não falava – falava umas quatro ou cinco vezes por noite e tinha o hábito extremamente cortês de atribuir todas as suas idéias ao interlocutor. A ele parecia uma descortesia dizer “eu penso deste modo”. Parecia-lhe uma forma de soberba, de

indelicadeza, uma imposição para com os demais. Então falava (tinha dificuldade para falar, não podia levantar a voz) e dizia ao interlocutor: “Você, sem dúvida, terá percebido...” tal coisa. E esses eram encontros inesquecíveis, apesar de Macedonio falar apenas umas quatro ou cinco vezes por noite, pois preferia que os outros falassem.

T – *O senhor conversa consigo mesmo?*

JLB – Sim, suponho que sim, mas a verdade é que nunca pensei nisso. Talvez tenha sido obrigado a pensar ou a tratar de pensar, a sonhar ou a tratar de sonhar mais do que antes, porque não posso escrever, não posso ler, não posso sair para caminhar, não posso fazer visitas, ir ao cinema. A biblioteca que tenho é ilusória porque não posso ler os livros; isso me obriga a tratar de pensar e pensar o tempo todo.

Se tivesse previsto tudo isto, teria tentado ter mais amigos. Mas agora estou com setenta e cinco anos, minha mãe está morrendo lentamente: tem noventa e oito anos...

T – *O que é a felicidade?*

JLB – Tenho passado a vida buscando-a e, sem dúvida, a tenho encontrado. Mas quando a gente a encontra não lhe presta bastante atenção, a gente acha natural. Talvez em cada dia exista algum momento de felicidade, nem que seja o momento de ir dormir. Em contrapartida a desdita é bastante precisa – a desdita física, a desdita moral... a felicidade é mais rara.

T – *O senhor tem consciência de seu talento?*

JLB – Não acredito ter um talento especial. Aos setenta e cinco anos adquiri certa facilidade para escrever, ou melhor, ao fim de todo este tempo sei quais são minhas limitações, e isto é muito importante.

Por exemplo, me ocorrem muitos enredos, mas sei que a maioria deles não me serve, então digo a um amigo: “Olha, me ocorreu este tema, que não me serve, não saberia como desenvolvê-lo, não conheço o ambiente...”, então o dou para ele que, certamente, saberá como utilizá-lo.

Uma vez fizemos uma experiência incomum: um amigo meu tinha um enredo excelente e nos reunimos, cinco ou seis pessoas, para escrevê-lo, cada qual a seu modo.

Mas uma dessas pessoas adiantou-se e o publicou. Meu amigo ficou indignado, então eu lhe disse: “Não ligue, desenvolva-o você, o enredo é seu”. E ele de fato o escreveu e logo o publicou. O tema era exatamente o mesmo que havia sido publicado antes, mas ninguém se deu conta disso, a não ser a pessoa do grupo que se precipitou em publicá-lo e que, numa ocasião me disse: “Caramba! Como não me ocorreu a história de fulano”.

T – *Como gostaria de terminar esta reportagem?*

JLB – Desejaria morrer esta noite. Não, desejaria morrer depois da “Conferência de Mitologia Japonesa” [ciclo de palestras que estava programado para a semana seguinte a esta entrevista, num centro de cultura da cidade de Buenos Aires].

Gostaria de ser esquecido, totalmente. Gostaria de pensar que na História da Argentina não vai figurar meu nome, que não se vai falar de mim. Já se falou demais de mim. Aspiro a ser ninguém... e possivelmente eu o seja.

Uma das pessoas presentes pede a Borges, no final da entrevista, que recite uma poesia em inglês antigo.

Borges escolhe uma elegia do século IX, intitulada “O Navegante”, cujo tema é um marinheiro que fala de todas as penúrias sofridas no mar, da neve, das tormentas, dos barcos de madeira, dos perigos dos alcantilados, da solidão... Mas que, quando chega a primavera – tempo em que é possível navegar porque no inverno o mar enrijece de gelo –, só deseja as altas correntes aladas:

O homem do mar
não tem ânimo para a harpa,
nem para os presentes de anéis,
nem para o gozo da mulher,
nem para o grande beijo do mundo.
Só deseja as altas correntes aladas. ▲

RIANE EISLER

ENTRE O CÁLICE E A ESPADA

Riane Eisler,
uma das fundadoras do
Centro de Estudos para
Parceria, em Pacific Grove,
Califórnia, vem delineando
em livros e palestras um futuro
onde a parceria tome o lugar
da dominação.

Para muitas pessoas, uma sociedade mais justa e pacífica é impossível. É uma utopia: algo que jamais pode ser realizado. Não creio que essa visão negativa da condição humana se justifique. Creio, porém, que uma questão essencial merece atenção neste momento crítico de nossa evolução cultural, se desejarmos projetar e realizar um futuro melhor – abrangendo desde a família e a religião, até a economia e a política, bem como o sistema de valores em vigor.

Nas duas últimas décadas, minhas pesquisas levaram-me a compreender a razão principal da irrerealidade das propostas para uma sociedade mais justa e pacífica: é que elas falharam em reconhecer que nem a justiça nem a paz são logicamente (quanto mais realisticamente) possíveis numa estrutura social onde metade da humanidade se situa acima da outra metade.

À diferença da maioria dos estudos sobre a sociedade humana, apropriada e frequentemente intitulada “estudos do homem”, fundamentei minha pesquisa em dados básicos nos quais as duas metades da humanidade são consideradas de igual importância. Isto me permitiu verificar que o modo como as relações entre as metades feminina e masculina estão estruturadas não causa apenas um impacto direto no dia-a-dia pessoal e na opção de vida de mulheres e homens, mas também afeta a fundo cada uma de nossas instituições sociais. Neste momento crítico de nossa evolução cultural, trata-se de uma questão central para podermos projetar e realizar um futuro melhor.

RIANE EISLER, é autora do best-seller internacional *O Cálice e a Espada, Nossa História, Nosso Futuro* (Editora Imago, RJ) e co-autora de *The Partnership Way. New Tools for Living and Learning*. É co-fundadora, com David Loye, do Center for Partnership Studies, e estará visitando a Argentina em 1995, onde realizará conferências e workshops.

Ensinaram-nos que a civilização tem suas origens em sociedades masculinas brutalmente dominadoras e altamente guerreiras. Contudo, escavações arqueológicas mais recentes indicam que histórias de uma época mais pacífica e harmoniosa, onde a mulher não era dominada pelo homem, têm como base realidades ainda mais antigas. Por exemplo, histórias da Mesopotâmia e mais tarde da Bíblia, que falam de um jardim onde mulher e homem viviam em parceria originam-se, provavelmente, da memória das populações das primeiras sociedades agrárias (ou neolíticas), mais pacíficas e igualitárias, que plantaram os primeiros jardins sobre a Terra. De forma semelhante, a lenda de como a mítica Atlântida submergiu no mar parece uma confusa recordação da antiga civilização de Minos, cultura notavelmente pacífica e singularmente criativa, que hoje se acredita ter chegado ao fim quando Creta e algumas ilhas vizinhas foram maciçamente destruídas por terremotos e enormes ondas. Ali, bem como na mais antiga era neolítica, a subordinação da mulher não parece ter sido a norma. A arte cretense apresenta mulheres como sacerdotisas, figuras femininas recebendo homenagens e até mesmo como capitãs de navios.

Entretanto, os registros arqueológicos mostram também que lá, após um período caótico e uma quase total desestruturação cultural, ocorreu uma fundamental *mudança social*. Durante esse desmembramento das bases, interrompeu-se a evolução cultural das sociedades que veneravam as forças universais geradoras e alimentadoras de vida – ainda hoje simbolizadas pelo antigo cálice ou graal “feminino”. Apareceram então, no horizonte pré-histórico, invasores vindos das áreas periféricas do globo (das áridas estepes do Norte

e dos estéreis desertos do Sul), que introduziram uma forma de organização social muito diferente.

De acordo com artigo da arqueóloga Marija Gimbutas, da Universidade da Califórnia, no *Journal of Indo-European Studies*, era um povo sob um rígido domínio masculino e altamente guerreiro. Um povo que literalmente venerava “o poder letal da espada”: o poder de tirar vida mais que o de dar vida, que é o poder máximo para estabelecer e impor a hierarquia humana.

DA UTOPIA À PRAGMATOPIA – Hoje estamos no limiar de outra – e potencialmente decisiva – mudança social. Pois nesta nossa era de alta tecnologia, ou completamos a mudança para um modelo diferente de organização social ou temos de encarar a possibilidade de extinção.

É por isso que necessitamos com urgência tanto de uma nova palavra quanto de um novo projeto para o futuro. Para a nova palavra, proponho o termo *pragmatopia*. Do mesmo modo que utopia, é um termo de raízes gregas; deriva de *pragma* (“coisa” ou “realidade”, como em “pragmático”) e *topos* (“lugar”). E para um novo projeto, que é ao mesmo tempo muito antigo, proponho o modelo que chamei de *parceria*, ao invés do modelo *dominador* de organização social: não uma sociedade ideal, mas uma sociedade onde nem a mulher nem os chamados valores femininos como dedicação, compaixão e não-violência sejam desvalorizados.

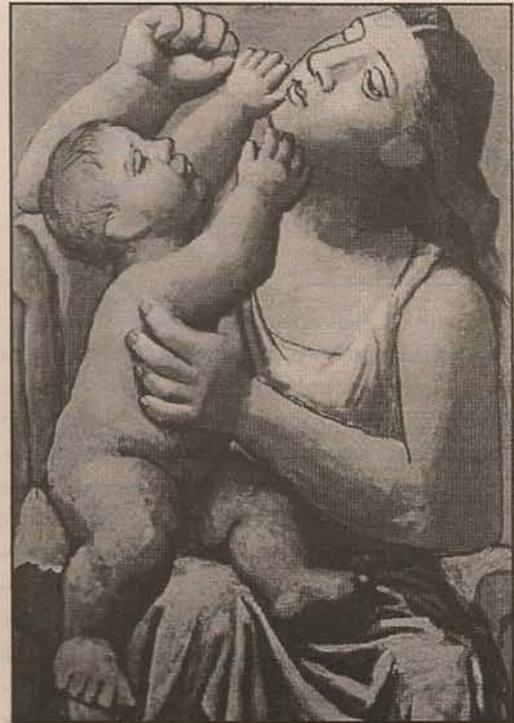
Escolhi a palavra *parceria* para descrever esse tipo de organização social pois já é um termo de uso comum, com conotação de benefício mútuo. Mas eu o defino mais precisamente como um modelo de organização social onde a diversidade não é equiparada nem à inferioridade nem à

superioridade, e onde o princípio primário da organização social tem a ver com *ligação* e não com hierarquização.

É característica de tais sociedades a tendência a serem não apenas muito mais pacíficas mas também muito menos hierárquicas e autoritárias. Esta tendência é evidenciada por dados antropológicos, por estudos contemporâneos das tendências em sociedades modernas onde há mais igualdade sexual (nações escandinavas, como a Suécia), e por dados pré-históricos e históricos que detachei em meu livro *O Cálice e a Espada*.

A transformação de sistemas sociais é um empreendimento de grande envergadura. No entanto, se olharmos a história moderna a partir da nova perspectiva aqui proposta, veremos que o desafio do século XVIII ao "direito divino" dos monarcas governarem, e o desafio do século XIX ao "direito divino" dos homens sobre as mulheres são, na verdade, partes desse processo. Verificamos que os movimentos contemporâneos em prol da paz, dos direitos civis, dos direitos da mulher e do meio ambiente, assim como os movimentos globais pela democracia política e econômica, são também tentativas de abandonar um modo de vida baseado na conquista e na dominação – seja do homem sobre o homem, do homem sobre a mulher, de uma raça sobre outra, de nação sobre nação, ou do homem sobre a natureza. Em suma, o que vem acontecendo durante os últimos três séculos é na realidade um poderoso movimento social sem precedentes em direção a uma sociedade de parceria.

Ao mesmo tempo, vemos com clareza o outro lado do quadro: a resistência do dominador. Ela se manifesta na violência dos regimes totalitários e autoritários em todo o mundo, no ressurgimento do racismo, do anti-semitismo, em outras formas



A Mãe e o Filho,
pintura de Pablo Picasso

étnicas do "bode expiatório", no crescente aumento das desigualdades entre ricos e pobres, entre Norte e Sul. E só recentemente reconhecida, também podemos observar a violência masculina contra a mulher em todo o mundo, assim como a ainda poderosa socialização de meninos e homens confundindo sua identidade (sua "masculinidade") com dominação e conquista.

A ESPADA: ALTA TECNOLOGIA – De um lado está o futuro dominador. Um futuro no qual a espada – ampliada milhões de vezes pela alta tecnologia – ainda domina. Um futuro que provavelmente nos remeta a um beco sem saída no plano da evolução. De outro lado está o futuro de parceria, um futuro no qual o cálice, e não a espada, voltará a dominar. Contudo, esse futuro melhor para nós e nossos filhos permanecerá uma *utopia* e não uma *pragmatopia* se não reconhecermos que uma sociedade mais justa e equilibrada requer como base um relacionamento mais justo e equilibrado entre as duas metades da humanidade: entre mulheres e homens. ▲

Tradução: Maria Léa Schwarcz

Este ensaio é um resumo do trabalho apresentado pela autora na Conferência Anual da Sociedade de Estudos Utópicos em Asilomar, Califórnia

VERÔNICA RAPP DE ESTON

AS DEZ FIGURAS DO VAQUEIRO NO CAMINHO DO ZEN

Cada cultura tem seu próprio simbolismo para representar o caminho espiritual.

No zen budismo, a aventura do vaqueiro serve de guia nas etapas da jornada.

Terceiro e último artigo sobre a via espiritual vista pela psicologia transpessoal.

O budismo divulga os ensinamentos de Sidarta Gautama, príncipe indiano que viveu no séc. VI a.C., filho do chefe shakya de um pequeno reino nos contrafortes do atual Nepal. Com o tempo, Sidarta passaria a ser conhecido como Shakyamuni, o sábio silencioso do clã dos shakyas.

Profundamente perturbado pelas tristezas e tribulações da vida humana e perplexo com o sentido do ciclo nascimento-morte, aos 29 anos de idade Sidarta não pôde mais suportar a vida de conforto e luxo em que tinha nascido e fugiu do palácio do pai, disposto a procurar a verdade na solidão das florestas. Após muitos anos de severas práticas, obteve finalmente a

iluminação, tornando-se o Buda, "o iluminado". Durante os quarenta e cinco anos seguintes, até sua morte aos oitenta anos, dedicou-se a divulgar incansavelmente seus ensinamentos pela Índia.

A maioria das escolas budistas não reconhece o Buda histórico como uma divindade suprema, nem como um salvador que liberta os homens tomando sobre si o peso de seus pecados. Pelo contrário, venera-o como um ser humano totalmente desperto, totalmente perfeito, que alcançou a libertação do corpo e da mente através de seus próprios esforços humanos e não pelo favor de um ser sobrenatural. O budismo tampouco considera Shakyamuni o único

VERÔNICA RAPP DE ESTON, médica, co-fundadora do Centro de Medicina Nuclear da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, foi professora associada de Medicina Nuclear, Radiobiologia e Bioquímica e há dez anos vem reestabelecendo a ponte entre ciência e filosofia ocidental e oriental.

Buda. Assim como em épocas anteriores outros sábios trilharam a mesma senda, atingiram o mesmo nível de perfeição e pregaram o mesmo darma – a lei da vida que é suporte do universo e leva à conduta ética na vida individual e social e à fidelidade aos próprios ideais –, nos subseqüentes ciclos do mundo haverá Budas para conduzirem os homens à libertação. O Buda histórico não é mais do que um elo numa cadeia de Budas que se estende do mais remoto passado ao imensurável futuro.

Muitos mestres budistas afirmam que todos somos Budas desde a origem, ou seja, temos potencialmente a possibilidade de atingir a imaculada natureza búdica. Mas, se quiser realizar sua perfeição inata, o candidato ao Ser-Buda precisa seguir o árduo caminho da iluminação.

Nos ensinamentos budistas chamados sutras, há várias classificações dos estágios do Ser-Buda. Um Buda no estágio mais elevado não é apenas totalmente iluminado, mas “alguém perfeito”, alguém que se tornou Todo, completo em si mesmo, isto é, alguém em quem todas as faculdades espirituais e psíquicas chegaram à perfeição, à maturidade, ao estado de perfeita harmonia, e cuja consciência abrange a infinidade do universo. Uma pessoa assim não pode mais ser identificada com as limitações de sua personalidade individual; dela se diz que “não há nada com que possa ser medida, não há palavras para descrevê-la”.

O budismo ou, mais exatamente, o darma do Buda tem duas escolas principais. A do Sul ou Theravada (Ensinamento dos Antigos), também conhecida como Hinayana (Pequeno Veículo) e a do Norte ou Mahayana (Grande Veículo). A escola Theravada nasceu na Índia meridional, de onde se espalhou pelo Ceilão, Burma, Tailândia e Camboja. Esta escola tende a permanecer conservadora e rígida. A escola Mahayana passou da Índia setentrional para o Tibete, Mongólia, China, Coréia e Japão.

A escola Mahayana, mais flexível, adaptou-se às necessidades de povos de diversas raças, culturas e níveis de compreensão. Assim, na China, onde o budismo se expandiu no século I da nossa era, surgiram linhas que adotaram certos aspectos dos ensinamentos do Buda de preferência a outros, sob a influência do taoísmo, do confucionismo etc. No Tibete, devido à geografia, ao clima, às condições difíceis de vida, os elementos tântricos do darma do Buda exerceram maior atração. No Japão, de sociedade rígida e hierárquica, complexo código de conduta e senso estético extremamente agudo, o budismo que aí chegou no século VI, vindo da China através da Coréia, sofreu transformações que refletem os traços característicos da cultura e da sensibilidade japonesas.

SATORI: COMO DA ÁGUA PARA O GELO – O budismo japonês é conhecido como *zen*, abreviação da palavra japonesa *zenna*, transliteração do sânscrito *dhyana*, através do chinês *ch'an* ou *ch'ana*, que significa o processo de concentração e absorção pelo qual a mente é tranqüilizada e trazida à concentração num único ponto. Enquanto escola do budismo Mahayana, o zen é uma tradição cujos ensinamentos e disciplinas são orientados para a compreensão da natureza do próprio ser, o que quer dizer para a conquista do *satori*, que o Buda Shakyamuni experimentou sob a árvore *bodhi*, depois de uma extenuante autodisciplina.

A palavra japonesa *satori* tem significado semelhante ao termo sânscrito *samadhi*, e significa não apenas equilíbrio, tranqüilidade e atenção, mas o estado de intensa concentração, de completa absorção da mente em si mesma, de elevada e ampla consciência. Corresponderia à experiência da *iluminação*, isto é, da autopercepção, da abertura do olho da mente, do despertar da verdadeira natureza de alguém, ou da natureza de toda a existência.

D.T. Suzuki, o grande divulgador do zen budismo no Ocidente, explica que a finalidade última de todo praticante budista é atingir a iluminação, mesmo que não seja numa única vida, e que todos os esforços do adepto devem se dirigir a esta finalidade suprema.

Enquanto a maioria das outras escolas distingue várias etapas de desenvolvimento espiritual e insiste em que o seguidor deve atingir os degraus sucessivamente até chegar à perfeição, o zen diz que, quando o indivíduo percebe a natureza mais íntima do próprio ser, instantaneamente se torna um Buda, sem necessidade de galgar, um após outro, cada degrau da perfeição através de eternos ciclos de transmigração. O lema do zen é “veja sua própria natureza e seja um Buda”. E esta visão não é resultado de muito aprendizado ou especulações, nem seria o resultado da graça do Buda supremo conferida a seus seguidores, mas do treino especial da mente prescrito pelos mestres zen.

Entretanto, como nossas mentes em geral compreendem melhor uma coisa após a outra, por degraus e etapas sucessivas e não simultaneamente, é necessário admitir algum tipo de progressão. Assim, o zen reconhece degraus no desenvolvimento espiritual de seus seguidores, conforme a verdade se revele passo a passo em suas mentes, até que “a visão da própria natureza” esteja perfeita. Mas o *satori*, a abertura da mente, ocorre de súbito. Não como o surgir do sol iluminando gradualmente as coisas, mas como a transformação da água em gelo, que acontece abruptamente.

No zen budismo, as fases da autoconsciência são apresentadas numa série de dez quadros do vaqueiro.

Um homem é retratado procurando, encontrando e domesticando um boi, provavelmente um búfalo aquático. Por ser considerado um animal sagrado na antiga Índia, esse boi veio a ser o símbolo da natureza primária, ou natureza búdica do homem.

Estas figuras têm a finalidade de formar um mapa que pode nos ajudar a ver o caminho espiritual em perspectiva e fornecer pontos de controle e guia em cada etapa ao longo do caminho. As figuras são descritas em versos acompanhados de um comentário em prosa.

Os desenhos originais e respectivos comentários são atribuídos a Kakuan Shien, mestre zen chinês do século XII. Mas não foi ele o primeiro a ilustrar, por meio de figuras, as sucessivas etapas da realização

zen. Existem versões mais antigas da quinta e oitava figuras, nas quais o boi vai se branqueando progressivamente, e o último desenho é um círculo, deixando subentendido que a percepção da Unidade (isto é, o apagamento de qualquer concepção de si e do outro) é a meta final do zen. Kakuan acrescentou mais duas figuras além do círculo, para tornar claro que o homem zen do mais elevado desenvolvimento espiritual vive no mundo secular da forma e da diversidade, unindo-se com a máxima liberdade aos homens comuns, inspirando-os, pela sua compaixão e irradiação, a seguir o caminho do Buda. Esta foi a versão mais amplamente aceita no Japão e, no decorrer dos séculos, revelou-se fonte de instrução e inesgotável inspiração para os estudantes zen.

1. PROCURANDO

O BOI



Desolado através das florestas e aterrorizado nas selvas,
ele procura o Boi e não o encontra.

Leito acima e abaixo, por rios escuros, sem nome,
espraiados, em matas espessas, ele percorre muitas trilhas.

Cansado até os ossos, com o coração pesado,
continua a buscar algo que não consegue encontrar.

Ao entardecer, escuta cigarras chilreando nas árvores.

O Boi nunca se extraviou realmente, então, por que procurá-lo? Por ter voltado as costas à sua verdadeira natureza, o homem não pode vê-lo. Por causa de sua corrupção, perdeu de vista o Boi.

De repente, defronta-se com um labirinto de caminhos entrecruzados. A ambição de ganho terreno e o pavor da perda surgem como chamas extintas; idéias de certo e errado projetam-se como adagas.

A primeira figura do vaqueiro marca o início do arco interior ou do caminho espiritual. A pessoa tornou-se consciente da possibilidade de iluminação e começa a procurá-la. Compreendendo que o mundo exterior nunca lhe trará satisfação duradoura, aquele que busca volta a sua atenção para a consciência. Neste ponto, o buscador provavelmente se sentirá confuso pelo labirinto de caminhos

que lhe aparecem como a senda da iluminação. Cada trilha parece dizer: "Siga-me se quiser se encontrar... liberte-se do sofrimento e alcance a iluminação". Com frequência, uma sensação de animação e arrebatamento acompanha a mudança de valores, quando os desejos mundanos são substituídos por ambições espirituais.

Para alguns a busca começa com leituras, para outros, com a

prática da meditação ou de alguma disciplina espiritual. Alguns procuram um mestre que possa dar-lhes instrução e guiá-los em esferas desconhecidas. Outros podem tentar a análise ou alguma outra forma de psicoterapia a fim de alcançar uma compreensão mais profunda do próprio eu. De uma forma ou de outra, a jornada se inicia com a procura de uma finalidade que é prevista para o futuro.

2. ENCONTRANDO OS RASTROS



Viu pegadas sem-número na floresta e na margem das águas.
Até que distâncias vê a relva pisoteada?

Mesmo as gargantas mais profundas das mais altas montanhas não podem esconder o focinho desse Boi que toca diretamente o céu.

Através dos sutras e dos ensinamentos, ele distingue os rastros do Boi. Foi informado de que, assim como vasos de ouro de feitios diferentes são basicamente do mesmo ouro, também cada coisa e todas as coisas são manifestações do si-próprio. É, porém, incapaz de distinguir o bem do mal, a verdade da mentira. Não passou realmente pelo portão, mas tenta ver os rastros do Boi.

A segunda figura do vaqueiro representa o buscador que começou a estudar os ensinamentos da sabedoria – neste caso, o budismo. Esta fase da procura implica em conhecimento intelectual. O buscador torna-se um estudante aplicado e pode sentir-se seguro de que encontrou o caminho certo.

O proselitismo não é típico do budismo, mas pode existir entre quaisquer estudantes de um cami-

nho espiritual que, tentando convencer os outros, procuram convencer a si mesmos de terem encontrado o caminho certo. O fato de convencer outros da validade de um ponto de vista pode ter influência poderosa sobre a própria maneira de pensar. Tendemos a aprender aquilo que tentamos ensinar. A tarefa de arregimentar novos adeptos para um grupo espiritual às vezes é atri-

buída aos principiantes, como método de reforçar a convicção e reduzir as dúvidas.

As possibilidades de iluminação e de libertação são percebidas, mas ainda não compreendidas, e o desejo de união leva o estudante a penetrar mais profundamente na prática espiritual, procurando a união com um mestre de uma linhagem tradicional.

3. PRIMEIRO VISLUMBRE DO BOI



Um rouxinol gorjeia no ramo,
o sol brilha nos salgueiros ondulantes.
Ali está o Boi, onde poderia esconder-se?
Essa esplêndida cabeça, esses cornos majestosos,
que artista poderia retratá-los?

Se ele escutar atentamente os sons cotidianos, chegará à compreensão, e no mesmo instante verá a verdadeira Fonte. Os seis sentidos não são diferentes dessa verdadeira Fonte. Em qualquer atividade, a Fonte está manifestamente presente. É algo análogo ao sal na água, ou à liga na tinta. Quando a visão interior está corretamente focalizada, chega-se à compreensão de que aquilo que se vê é idêntico à verdadeira Fonte.

A terceira figura representa uma mudança na atenção que, a partir dos ensinamentos mais profundos, vai agora em direção à experiência direta. Percebe-se que a Fonte está presente nos sons e atividades cotidianos e nos seis sentidos – para o budismo, a mente é o sexto sentido.

Usando a analogia da forma e do vazio, o sal corresponde ao vazio e a água, à forma. Até que alguém conheça o “gosto” do *satori*, ignora esse vazio e apenas reconhece a forma. Depois da iluminação, eles são vistos como não-diferentes um do outro.

Nesta fase, o estudante tornou-

se um praticante conscientemente iluminado e não procura mais, nem segue trilhas. É uma fase de insight que requer continuidade da disciplina para se estabilizar. A iluminação foi vislumbrada, mas necessita de mais trabalho para se desenvolver em uma luz permanente.

4. AGARRANDO O BOI



Ele precisa agarrar o laço com firmeza e não deixá-lo escapar porque o Boi ainda tem tendências doentias.

Ora se precipita para as montanhas,
ora vagueia numa garganta nevoenta.

Hoje ele encontrou o Boi, que andara longamente corcoveando nos campos agrestes, e realmente o agarrou. Por tanto tempo o Boi se deleitou nestes arredores, que não é fácil fazê-lo romper com velhos hábitos. Continua a ansiar por pastagens cheirosas, é ainda obstinado e indomável. Se o homem quiser domá-lo inteiramente terá de usar o chicote.

Na quarta figura, o boi está rebelde e descontrolado e pleno de força selvagem. O praticante precisa treinar a autodisciplina em todos os aspectos da vida. Nesta fase, a liberação da energia tanto pode ser criativa como destrutiva: é necessário refreá-la e o praticante é aconselhado a praticar a verdade, a compaixão e a não-violência.

Em termos psicológicos, isto pode ser interpretado como a necessidade de integrar a disciplina espiritual à vida diária, e de aprender a manter a introspecção espiritual em quaisquer condições. Os problemas ocorrem quando a ambição espiritual leva a um esforço excessivo. O praticante poderá ver-se esmagado por energias arquetípicas. Por exemplo, se a energia *kundalini* é despertada em alguém

que não está preparado para ela, podem resultar distúrbios sérios. Outro perigo neste estágio é a arrogância, originada da identificação egóica com o self transpessoal sutil. Uma vez que este é um self muitíssimo elevado, pode ser facilmente confundido com o Eu real ou o despertar definitivo.

A evidência desta distorção pode ser encontrada em guias de cultos que fazem demonstrações de poderes psíquicos, usando-os inclusive para fins pessoais e egocêntricos. Qualquer asserção explícita de iluminação provavelmente reflete este estágio de desenvolvimento pois, de acordo com esta tradição, sábios verdadeiramente iluminados não fazem alusão ao fato de serem especiais. A afirmação de possuir conhecimentos esotéricos,

a coerção dos seguidores à obediência e a manipulação de outros pelo medo, indicam igualmente emprego incorreto de poderes alcançados neste estágio de desenvolvimento. Em termos junguianos, o perigo é o ego se inflar, o que poderia indicar que a transcendência do ego está incompleta. Este inflar-se, com frequência, envolve outras pessoas. Não faltam buscadores que, na ânsia de alcançar níveis de desenvolvimento sutil que transcendam visivelmente o nível pessoal, podem ser persuadidos a seguir estes falsos mestres. A desidentificação nesta fase pode ser difícil, pois a pessoa precisa abrir mão de seu apego à bem-aventurança e à luz se deseja continuar o caminho para o próximo passo de iluminação.

5. DOMANDO O BOI



Ele deve segurar com firmeza o cabresto e não permitir que o Boi vagueie para que não se extravie por lugares lamacentos.

Devidamente cuidado, torna-se limpo e gentil, desamarrado, segue de bom grado o dono.

Ao surgir um pensamento, outro e mais outro nascem. A iluminação traz a compreensão de que esses pensamentos não são irrealis, já que brotam de nossa verdadeira natureza. É somente porque a ilusão ainda permanece que eles são considerados irrealis. Esse estado de ilusão não tem origem no mundo objetivo, mas em nossas próprias mentes.

A quinta figura é um estágio de treinamento avançado onde se faz facilmente amizade com a própria natureza verdadeira. O praticante avançado abandona as disciplinas aprendidas em estágios anteriores e transcende mesmo a discriminação entre a verdade e a ilusão. A distinção entre vida espiritual e

vida comum não tem mais utilidade e ele faz amizade com as limitações do ego. O boi tornou-se um companheiro livre e o movimento é equilibrado.

O desenvolvimento sadio é indicado pela renúncia a ser diferente e por uma sutil impregnação de

espiritualidade em todas as facetas da existência.

Os lampejos de insight amadureceram para uma consciência constante da natureza da existência, e não há mais apego compulsivo a qualquer estágio singular de consciência.

6. MONTANDO O BOI, DE VOLTA A CASA



Cavalgando livre como o ar, ele volta animadamente para casa através da bruma da tarde, de capa e amplo chapéu de palha.

Aonde quer que vá, produz uma brisa fresca enquanto profunda tranquilidade domina seu coração.

Esse Boi não precisa nem de uma folha de relva.

Cessou a luta. Ganho ou perda não mais o afetam. Ele cantarola as melodias rústicas dos lenhadores e toca os cantos simples das crianças da aldeia. Montado no Boi, contempla serenamente as nuvens no alto. Não volta a cabeça na direção das tentações. Embora alguém possa tentar perturbá-lo, permanece impassível.

Esta figura revela o sábio montando facilmente o boi. "A luta terminou, ganhos e perdas não mais o afetam". Neste estágio, o sábio irradia iluminação e as ações se caracterizam por simplicidade, natu-

ralidade, espontaneidade e serenidade. O sábio se harmoniza com o fluxo normal da vida, mas a ilusão sutil do boi como entidade separada persiste.

Esta é a esfera da elevada in-

tuição e inspiração religiosas, da visão simbólica, da presença superior e dos Dhyani-Budas, isto é, dos anjos ou espíritos angélicos. A mente-Buda, simbolizada pelo boi, basta-se inteiramente a si mesma.

7. O BOI FOI ESQUECIDO. O EU ESTÁ SÓ



Na sétima figura, o vaqueiro e o boi tornaram-se um só. O buscador voltou para o lar. O sábio vê agora o si-próprio como expressão

Somente no Boi ele poderia chegar a casa.
Mas eis que agora o Boi desapareceu e o homem senta-se sozinho e tranqüilo.
O rubro sol anda alto no céu enquanto ele sonha placidamente.
Ao longe, sob o telhado de palha, jazem seu chicote e seu inútil laço.

No darma não há dualidade. O Boi é a natureza primária; ele a reconheceu agora. Uma armadilha não se faz mais necessária quando se apanhou um coelho; uma rede torna-se inútil quando se pegou um peixe. Como o ouro separado da escória, como a luz que atravessa as nuvens, um raio de luz irradiante brilha eternamente.

plena da natureza verdadeira, que não mais necessita de conceitos ou disciplinas. A solidão e a serenidade são apreciadas na ausência de

honrarias. Neste estágio o mundo já não nos preocupa, pois deixamos todos os apegos e os desejos. Simplesmente somos.

8. O EU E O BOI, AMBOS ESQUECIDOS



A oitava figura do vaqueiro, um círculo aberto, está associada ao *dharmakaya*, a esfera causal em que a consciência relembra sua unidade anterior como coisa nenhuma. Não há teorias, nem portadores de teorias. As barreiras ilusórias evaporaram-se e um profundo estado de vazio abre-se para a

O chicote, o laço, o Boi e o homem pertencem igualmente ao Vazio. Tão vasto e infinito é o céu azul que não pode atingi-lo conceito de nenhuma espécie.
Sobre um fogo ardente, um floco de neve não pode subsistir.
Quando a mente atinge esse estado chega finalmente à compreensão do espírito dos antigos Patriarcas.

Todos os sentimentos ilusórios pereceram e as idéias de Santidade também se extinguíram. Ele não permanece no estado de "eu sou um Buda" e supera rapidamente o estágio de "agora me purifiquei do sentimento orgulhoso de não ser um Buda". Mesmo os mil olhos dos quinhentos Budas e Patriarcas não podem discernir nele uma qualidade específica. Se centenas de pássaros fossem agora juncar de flores o seu quarto, ele não poderia senão envergonhar-se de si mesmo.

plenitude da vida. Transcendeu-se mesmo a idéia de iluminação.

Os Budas e Patriarcas possuem sabedoria semelhante a um espectro, distinguindo com facilidade o caráter dos homens comuns, manchado pela ignorância e o demérito. Mas alguém que se tivesse lavado de todas as impurezas, incluindo as

mais sutis formas de orgulho, seria tão puro e natural que até um Buda seria incapaz de vê-lo e dizer que ele é isto ou aquilo. Existe uma parábola acerca de Hoyuzenjî, um mestre zen da dinastia Tang que viveu no Monte Gozu e era geralmente louvado pelo ardor com que meditava em seu retiro da

montanha. Dizia-se que até os pássaros cantavam louvores a ele, oferecendo-lhe flores quando estava sentado em sua cabana. Depois de ter ficado totalmente iluminado sob o quarto Patriarca, continua a história, os pássaros cessaram as oferendas de flores porque, uma vez que ele alcançara a perfeita iluminação, não mais emitia aura alguma – nem

sequer de devoção e virtude.

A consciência individual desaparece e se confunde com aquilo de onde se originou. Neste nível, a forma é o vazio e o vazio é a forma. Esta realização pode ser compreendida como uma finalidade prática do budismo. As noções populares de nirvana, de cessação e obliteração da noção de separatividade do

self são comumente associadas ao vazio ou ao nada. Por isto algumas pessoas supõem que o budismo é antívida ou escapismo. Embora a leitura superficial dos ensinamentos possa conduzir a tal interpretação, este mapa não termina aqui. A imagem seguinte representa a renovação.

9. REGRESSANDO À FONTE



“Se, como dizem os sutras, nossa natureza essencial é *bodhi* (perfeição), por que todos os Budas têm de lutar pela iluminação e perfeição?”, perguntou Dogen, o grande mestre japonês da meditação, que só foi capaz de resolver este paradoxo após anos de um árduo

Ele voltou à Origem, retornou à Fonte,
mas foi em vão que deu seus passos.
É como se estivesse agora cego e surdo.
Sentado em sua cabana, não almeja as coisas que estão fora.
Os riachos serpenteiam por si mesmos,
as flores vermelhas desabrocham naturalmente vermelhas.

Desde o puro princípio não houve sequer um grão de poeira para macular a intrínseca pureza. Ele observa o crescer e o decrescer da vida no mundo, enquanto permanece imparcial num estado de imperturbável serenidade. Esse crescer ou decrescer não é fantasma ou ilusão, porém manifestação da Fonte. Por que então há necessidade de lutar por alguma coisa? As águas são azuis, as montanhas verdes. A sós consigo mesmo, ele observa a mudança incessante das coisas.

esforço que culminou em sua profunda iluminação.

O homem totalmente iluminado, não mais aprisionado nos objetos dos sentidos, absorve-se tão esquecido de si naquilo que ouve e vê, que seu ver é não-ver e seu ouvir é não-ouvir. Se a ilu-

minação traz a compreensão de que a pessoa abrange o universo e tudo o que há nele, o que há para se almejar? Segundo Dogen: “Estudar o budismo significa estudar a si mesmo, estudar a si mesmo é esquecer-se de si mesmo”.

10. ENTRANDO NA PRAÇA DO MERCADO COM MÃOS PRESTATIVAS



Com o peito descoberto e descalço, ele entra na praça do mercado. Enlameado e empoeirado, como abre os lábios num sorriso!
Sem recorrer a místicos poderes
faz as árvores secas florescerem de repente.

O portão de sua casinha está fechado e mesmo os mais sábios não podem encontrá-lo. Seu panorama mental desapareceu por fim. Segue seu próprio caminho, sem tentar seguir os passos dos antigos sábios. Carregando uma cabaça, passeia pelo mercado; apoiado em seu bordão, volta para casa. Ele guia os estalajadeiros e os peixeiros no Caminho do Buda.

Na décima figura, o vaqueiro, tendo agora atingido o nível de sábio, é retratado voltando para o mundo humano da vida diária como *bodhisattva* – alguém que renunciou à liberação pessoal para ajudar os outros. As mãos abertas representam o perfeito vazio e ele não faz nenhuma tentativa de acompanhar sábios anteriores. O iluminado manifesta alegremente a iluminação, e não segue qualquer caminho: todos os conceitos, preconceitos, opiniões e suposições foram superados. Ele está cheio de energia vital e amor compassivo e “mesmo o mais sábio não poderá encontrá-lo”.

Homem ou mulher da mais elevada espiritualidade mistura-se aos outros em todas as ocasiões para

ajudá-los a dominar suas ilusões. Existe aqui uma diferença fundamental entre a ênfase dada pela tradição Hinayana e pela tradição Mahayana ao papel da pessoa espiritualmente realizada. Na tradição Hinayana, o mais elevado tipo espiritual, o monge celibatário, está separado do laicato. Idealmente deve ser um santo, um modelo de virtude, para preencher o papel que a comunidade concebe para ele. No budismo da tradição Mahayana, pelo contrário, o homem de profunda iluminação (que freqüentemente é um leigo) não emana “perfume” de iluminação, nem auréola de “santidade”. Se o fizesse, sua realização espiritual seria considerada ainda deficiente.

Tampouco se mantém afastado dos pecados do mundo. Mergulha nelas enquanto necessário para liberar os homens de suas loucuras, mas sem ficar ele próprio manchado por elas. Assemelha-se nisso à flor de lótus, símbolo de pureza e perfeição, que nasce no lodo mas não é maculada por ele.

O sábio foi além do caminho e agora regressou para o mundo humano. Isso sugere que o sábio é, na aparência, perfeitamente comum, não se distinguindo dos outros, porém motivado tão-só pelo serviço altruísta. Na sociedade contemporânea, poderia ser qualquer um. Retornando ao mundo com bom humor e mãos prestativas, o *bodhisattva* transmite iluminação aos outros.



O SÁBIO: NINGUÉM ESPECIAL – A série completa das dez figuras representa a *avabhavikakaya*, ou a esfera do ser absoluto, que inclui o processo do vir-a-ser.

Refletindo sobre os estágios da jornada, que podem ser intuídos muito antes de completados, podemos com facilidade cometer o erro de pensar que entendemos o processo sem tê-lo experimentado. Palavras e figuras que descrevem o caminho espiritual só nos levam ao início da experiência. Elas apontam o caminho da iluminação na não-dualidade. Como as palavras pertencem à esfera mental da lógica e do discurso, só podem apontar a transcendência – jamais substituir a experiência direta. Qualquer comentário, portanto, terá de ser limitado e incompleto. Entretanto, a inteireza presume familiaridade com todos os estágios do processo.

Ao percebermos a vasta extensão do desenvolvimento potencial além do ego, obtemos uma apreciação mais profunda do processo envolvido, o que nos possibilita explorar este domínio por meio da experiência. Na prática, a contradição aparente entre o ensinamento budista do não-self e o conceito de um self transpessoal pode ser facilmente resolvido se cada um for avaliado no contexto da inteireza.

Ken Wilber, considerado o teórico por excelência da psicologia transpessoal, diferencia a personalidade do santo da do sábio. A cabeça dos santos emite uma radiância luminosa; eles possuem poderes paranormais, as pessoas se aglomeram à sua volta, tentam tocá-los. Já os sábios são pessoas médias, normais, comuns, quase sempre despercebidas. Transcenderam

de maneira tão completa a separatividade do eu que não são particularmente marcantes. D.T. Suzuki costumava assinar suas cartas como *wu shih*, que significa “ninguém especial”. É este o paradigma do sábio. A vida comum, a realidade rotineira, liberta do sentido da separatividade do eu é, ela própria, a última realidade.

Hegel, o filósofo alemão que começou por considerar a iluminação como um estado final, acabou concluindo que ela é um processo eterno. Como disse o mestre Dogen: “Estudar o budismo – ou estudar o misticismo – é estudar a si mesmo. Estudar a si mesmo é esquecer-se de si mesmo. Esquecer-se de si mesmo é ser um com todas as coisas. Ser um com todas as coisas é ser iluminado por todas elas, e essa iluminação sutil, que não deixa traços, prossegue para sempre”.

A iluminação é um processo. Não um estado final, nem um produto. Prossegue para sempre... Envolve *wu shih*: ninguém especial... ▲

Os versos e comentários são do livro *Os Três Pilares do Zen* e explicações adicionais foram adaptadas de Frances Vaughan e Ken Wilber (v. bibliografia). As ilustrações são xilografias do conhecido artista japonês Tomikichiro Tokuriki, do livro *Zen Flesh, Zen Bones* (v. bibliografia).

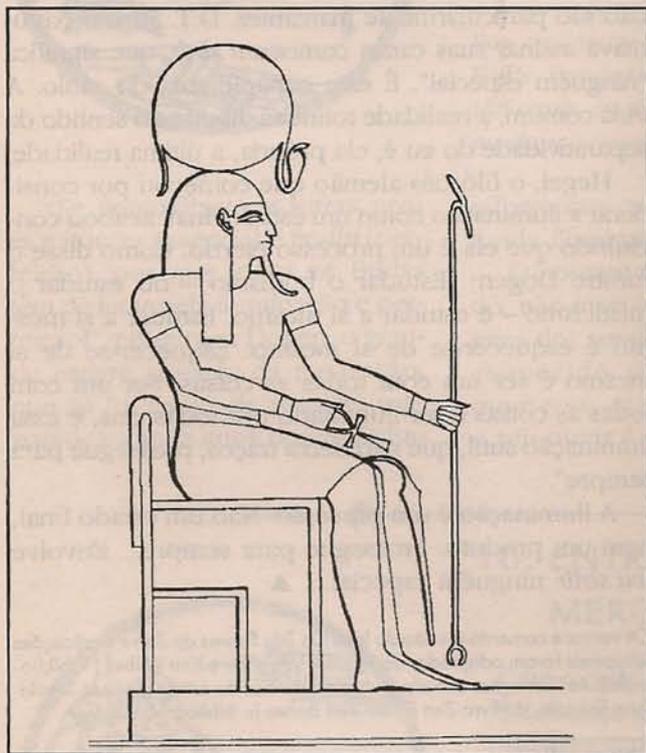
Bibliografia

Dogen, *The Way of Everyday Life*, Center Publications, Los Angeles, 1978. Kapleau, Philip, *Os Três Pilares do Zen*, Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1978. Reps, Paul, *Zen Flesh, Zen Bones – A Collection of Zen Writings*, Anchor Books, Doubleday, Nova York. Suzuki, D.T., *Essays in Zen Buddhism*, 1st series, Rider & Co., Londres, 1973. Vaughan, Frances, *The Inward Arc – Healing and Wholeness in Psychotherapy and Spirituality*, Shambala, Boston e Londres, 1986 [Novas Dimensões da Cura Espiritual, Cultrix, São Paulo, 1992]. Wilber, Ken, “A batalha dos paradigmas”, *THOT* n° 52, 1989.

CARLOS ALFREDO ARGUELLO

O SOL, NOSSA ESGOTÁVEL FONTE DE ENERGIA

E se Rá, Hórus, Inti, Mbud-Ti
e outras divindades solares voltassem a reinar
iluminando uma sociedade solar,
vale dizer, igualitária?



Atum, divindade egípcia do Sol

CARLOS ALFREDO ARGUELLO é físico e professor titular da UNICAMP-Universidade Estadual de Campinas

Um número enorme de civilizações importantes elevaram o sol ao nível de divindade máxima.

Egípcios adoravam Rá, o Sol do Zênite, Kheper, o jovem Sol Nascente, Atum, o velho Sol de Ouro do Poente, e Hórus, o Olho do Sol.

O antigo Japão – o Império do Sol Nascente – adorava Amaterasu.

No Novo Continente, Huitzilopochtli e Tezcatlipoca eram os deuses do sol do poderoso Império Asteca.

Inti, deus-sol, dominava o Império do Sol dos incas, na costa do Pacífico da América Andina.

Entre os povos da Amazônia, encontram-se exemplos como o dos apinajés, que cultuavam Mbud-ti (o Sol) e Mbuduruvi-Re (a Lua).

Os cultos pagãos de adoração ao sol parecem ter influenciado a própria liturgia católica. O dia incerto do nascimento de Jesus, data máxima do cristianismo, foi fixado no dia 25 de dezembro, coincidindo com a Festa do Sol Invictus, da religião monoteísta solar romana.

Os povos primitivos, em estreito contato com a natureza, perceberam a importância do sol em suas vidas, já que o êxito das colheitas e, portanto, a possibilidade de boa alimentação, e o próprio comportamento climático – a seqüência rígida de quentes dias sorridentes e noites frias misteriosas e amedrontadoras –, tudo isso dependia dele.

Do ponto de vista energético, podemos dizer que os povos primitivos viviam numa verdadeira era solar.

A única fonte de energia era o sol e havia abundância e riqueza. O planeta era preservado no seu delicado equilíbrio, até porque a energia consumida diariamente era muito menor que a quantidade disponível.

A utilização do carvão de pedra (séc. XVIII) e do petróleo (séc. XX) como fontes de energia, acompanhada de uma necessidade crescente de produção de bens de consumo imposta pelos novos paradigmas econômicos e pelo aumento exponencial da população, trouxe uma nova e falsa visão de progresso e prosperidade, construída com base no esgotamento de fontes não-renováveis de energia.

O carvão de madeira, o carvão de pedra e o petróleo não são senão outras tantas formas de energia solar acumulada ao longo de milhões de anos, e que se esgotarão em poucas décadas.

Hoje, podemos acrescentar ao nosso sol e a outros sóis – as estrelas – responsabilidades surpreendentes e inimaginadas pelos nossos ancestrais. Todos os átomos de nosso corpo, dos animais, dos vegetais, das rochas, todos os átomos do planeta, até aqueles cuja energia armazenada é explorada nos reatores nucleares, formaram-se dentro do cadinho infernal de algum sol, talvez já desaparecido.

Mesmo do ponto de vista da moderna ciência, há motivos de sobra para que a adoração ao sol seja compreensível e justificável.

De todas as coisas concretas, materiais, o sol é o que mais se parece com um deus, um deus pai, que aquece, alimenta, protege, é eterno, inalcançável, belo e imponente.

No entanto, ele não é eterno: tem só 4,6 bilhões de anos. Conhecemos sua evolução futura e a data da sua morte, que ocorrerá depois do assassinato, muito antes, de todo rastro de vida na terra, daqui a mais alguns bilhões de anos.

Também não é infinita, se bem que enorme, sua bondade. Nosso planeta não recebe mais do que 1 kW de potência por metro quadrado de superfície, nas regiões melhor contempladas pelo “deus”, nos momentos de máxima insolação (potência = energia/unidade de tempo). Para se ter uma idéia do que isto significa, equivale apenas ao necessário para esquentar a água de uma ducha gostosa.

Toda a energia solar que incide sobre a terra, termina sendo emitida para o espaço externo. Se não fosse assim, a terra esquentaria, indefinidamente. Mas o homem tem a habilidade de transformar essa energia em outras formas de energia, produzindo trabalho antes de ela se perder para sempre. A energia não é senão isto: a capacidade de produzir trabalho. Nas transformações de energia há sempre uma quantidade que se “degrada” em forma de calor; não pode

nunca mais ser utilizada. Simplesmente, foge, e vai esquentar o infinito espaço exterior.

ENERGIA E "ENERGIA" – Estes conceitos, matematicamente expressos pelos cientistas, formam o corpo da teoria termodinâmica, que trata, com precisão, do significado da palavra energia. Como veremos a seguir, a clara compreensão dos princípios energéticos termodinâmicos impõe limites ao crescimento da economia mundial, demonstra a fragilidade do paradigma consumista e dita restrições ao atual conceito de democracia.

Em contraposição, a enorme onda de falso cientificismo associado ao esoterismo de consumo, produz uma mistura de termos de uso acadêmico, mitos, magia e inconseqüência, que formam o esqueleto semântico de uma pseudociência energética atual, estéril na prática.

Já presenciei “iniciados” tentando “energizar” cristais embaixo de uma cachoeira ou pacientemente sentados no centro da base de uma pirâmide cabalística, que deveria funcionar como uma enorme antena receptora de energia, ou invocando, de joelhos no meio de um areal, a concentração de energia para levantar um carro atolado.

É claro que deve haver outras formas de energia, além das conhecidas. Há poucos anos, nem se suspeitava da existência de ondas eletromagnéticas e hoje, graças a elas, a propagação quase instantânea de imagem, som ou informação se dá através, até, e desde os confins de nosso sistema planetário. É claro, também, que cientistas e empresários estão sempre alerta a novas formas de energia – é pouco provável que lhes escapasse qualquer possibilidade, mesmo originada por elucubrações não-acadêmicas. Não devemos esquecer que energia, pela sua possibilidade de produzir trabalho, é dinheiro e o dinheiro (infelizmente) é o motor de nossa sociedade. Mas voltemos à nossa energia.

A energia quantitativamente mensurável é tecnologicamente dominável. Dizíamos que o sol nos presenteia, continuamente, com uma quantidade enorme, mas finita. O consumo de energia aumenta exponencialmente, devido ao crescimento – também exponencial – da população, e ao crescimento – também enorme – do consumo *per capita* que os padrões consumistas impõem à sociedade.

Chegará um momento em que a energia que vem do sol será insuficiente para manter os novos padrões mundiais de crescimento e progresso? Se esse momento chegar, a energia solar não poderá mais ser considerada fonte renovável de energia, porque a energia não poderá ser repostada pelo sol com a mesma velocidade em que for consumida.

Pensemos num futuro de plena democracia e igualdade mundial. Todo mundo consumindo nos mesmos padrões que aponta a projeção de consumo energético, nos países ricos. Hoje, os Estados Unidos, com 6% da população mundial, consomem um terço da energia mundial. Um americano médio consome 300 vezes mais energia que um cidadão do Haiti.

E se todos consumissem no padrão americano?

E se a população mundial continuar crescendo?

E se o consumo de energia *per capita* continuar crescendo?

A única fonte de energia renovável, o sol, não sustentaria esse comportamento da humanidade nem sequer na primeira metade do próximo milênio, como cálculos simples mostram.

Uma população mundial que, seguindo as tendências atuais, seria de 100 bilhões de habitantes no ano 2200, consumiria um total de 3×10^{16} kWh ano, crescendo à razão de 1.6% ao ano, ou seja, multiplicando-se por 10 a cada 150 anos.

Isto, considerando que toda a população mundial tivesse o mesmo direito de consumir energia que os povos tradicionalmente mais consumistas. Ou seja, que houvesse democracia, "com iguais oportunidades" quanto ao máximo consumo possível. Então, a densidade populacional seria de 7 habitantes em cada 100 metros quadrados, e 100% da superfície da terra deveria estar coberta de coletores solares, trabalhando num nível de 10% de eficiência. Tudo isto, em qualquer ponto da superfície terrestre, se quisermos utilizar só energia solar para manter o "crescimento". Mesmo que estes cálculos estejam errados por um fator 10, bastariam apenas 150 anos para que a previsão se cumprisse.

A VOLTA DOS DEUSES – Indefectivelmente, *seguindo a tendência atual*, mais cedo ou mais tarde, o caos iria chegar. É evidente que haverá ajustes. O sistema é auto-regulável. Mas esses ajustes serão democraticamente distribuídos? Serão pacíficos ou catastróficos? Não serão os países pobres – aqueles com pequeno consumo de energia, grandes taxas de crescimento e produtores de alimentos e matéria-prima – os mais penalizados? Não haverá cada vez mais uma diferenciação entre os países ricos do Norte e os do Sul? Entre países pertencentes a blocos econômicos poderosos, produtores de ciência e tecnologia, limitados no seu crescimento demográfico mas não na sua sede consumista? Por um lado, países que se converteram em policiais do mundo e juízes do politicamente correto, cada vez mais refratários à miscigenação racial, e, por outro, países donos de riquezas naturais esgotáveis, com populações de cores "indesejáveis" (pretos, mulatos, amarelos, acobreados) que se



Tezcatlipoca, divindade asteca

reproduzem como coelhos e adoram antigos deuses?

Se ainda pensamos utopicamente numa sociedade futura igualitária, ela deverá voltar a ser uma sociedade solar, através da opção por uma pobreza material digna, consciente, solidária e construtiva.

O sol é distribuído de maneira democrática na superfície da terra. Utilizando democraticamente essa energia, não será necessária a concentração do poder nem da produção de bens supérfluos de consumo. O contato com a natureza será essencial. Democratização das comunicações, da informação e do conhecimento acumulado poderá ser uma realidade pela utilização das tecnologias já existentes. A educação voltará a ter sabor artesanal, contrapondo-se à atual produção em massa de "cidadãos úteis", engrenagens no sistema que nos asfixia.

Derrubado o paradigma consumista, voltaremos a degustar um pôr-de-sol, admirar o vôo de um pássaro e reconquistar o sabor da água cristalina.

Se for assim, Rá-Kheper-Atum, Hórus, Amaterasu, Huitzilopochtli, Tezcatlipoca, Inti, Mbud-ti, voltarão a reinar e a ser pelo menos semideuses quase eternos num mundo quase justo. ▲

BIBLIOGRAFIA

- Jeremy Rifkin, *Entropy, a New World View*, Bantam, 1980.
 D. Meadows, *The Limits to Growth*, Pan Books, 1974.
 Carlos Alfredo Arguello, *Energia, uma Visão Sistêmica do Ambiente*, no prelo.

CARMA AÇÃO E DESTINO

Alegria e sofrimento não são apenas conseqüências de nossas boas ou más ações. São também experiências necessárias ao nosso desenvolvimento espiritual. Uma história da antiga Índia, recontada por *Manoj Das*, ilustra esta controvertida questão.

Na floresta que se estende nos arredores da cidade de Pratishtana vivia um eremita, ao qual se atribuía uma extraordinária habilidade de predizer os acontecimentos. As pessoas acorriam a ele em bandos para conhecer seu futuro, indiferentes ao fato de o eremita não gostar de satisfazer-lhes a curiosidade. Por isso, para que as pessoas se cansassem de procurá-lo e desistissem, ele constantemente se embrenhava mais e mais na floresta.

Certo dia, dois amigos, Vipul e Vijan, tentando cortar caminho de Pratishtana para outra cidade por um atalho, perderam-se na floresta. Perambularam até o anoitecer, procurando desesperadamente algum abrigo, temerosos do ataque de feras e bandidos.

Tarde da noite, avistaram um feixe de luz no meio da mata. Com o coração disparado, foram andando em direção à luz e em pouco tempo chegaram a uma choupana, perto de um regato murmurante. Uma fragrância de sândalo e folhas aromáticas enchia o ar.

Espiaram dentro da choupana e viram um homem idoso mergulhado em profunda meditação. Logo imaginaram tratar-se do eremita famoso pelo acerto de suas previsões.

A presença do eremita dissipou seus medos. Deitaram-se sossegados no chão da choupana e, assim que o eremita abriu os olhos, prostraram-se diante dele.

O eremita ouviu a história dos dois e lhes deu diversas frutas para comer. "Descansem. Quando a manhã chegar, banhem-se no regato. Alguns discípulos chegarão depois do nascer do sol. Pedirei a um deles que lhes indique o caminho da floresta", disse o compassivo eremita.

Eles fizeram o que o eremita lhes aconselhara. Mas, chegada a hora de partir, postaram-se diante dele saudando-o com as palmas juntas, dizendo: "Mestre, sabemos de seu maravilhoso poder de predizer o futuro das pessoas. Uma vez que o acaso nos colocou frente a

frente, seríamos insensatos se partíssemos sem conhecer nosso futuro”.

“Pois bem, meus jovens, eu não gosto de fazer previsões. Talvez não seja bom para vocês conhecerem seu futuro. Além do mais, seu futuro, tal como agora se configura, pode vir a mudar”, disse o eremita.

Mas os jovens estavam dispostos a não arredar pé enquanto o eremita não satisfizesse seu desejo.

“Muito bem”, concordou o eremita. “Sentem-se um instante em silêncio.”

Vipul e Vijan sentaram-se de pernas cruzadas na sua frente e o eremita meditou sobre eles. Olhando primeiro para Vipul, ele proferiu, com a voz firme de quem sabe o que diz: “Você se tornará rei no prazo de um ano”. Depois, com o olhar fixo em Vijan, ele disse: “Sinto muito, meu jovem, mas no prazo de um ano, você morrerá pela mão de um assassino”.

Os dois amigos inclinaram-se respeitosamente e partiram.

Assim que deixaram a floresta, Vipul não cabia em si de felicidade, dançando como um possesso. Vijan, ao contrário, foi tomado de tristeza – nada mais natural.

De volta à cidade, Vipul comportava-se com orgulho e arrogância. “Quando eu for rei, mandarei cortar sua cabeça”, repetia como um estribilho, quando alguém – inclusive um amigo – o contrariava.

Sabendo que o eremita havia previsto que se tornaria rei, todos temiam desagradá-lo e se mostravam profundamente intimidados em sua presença.

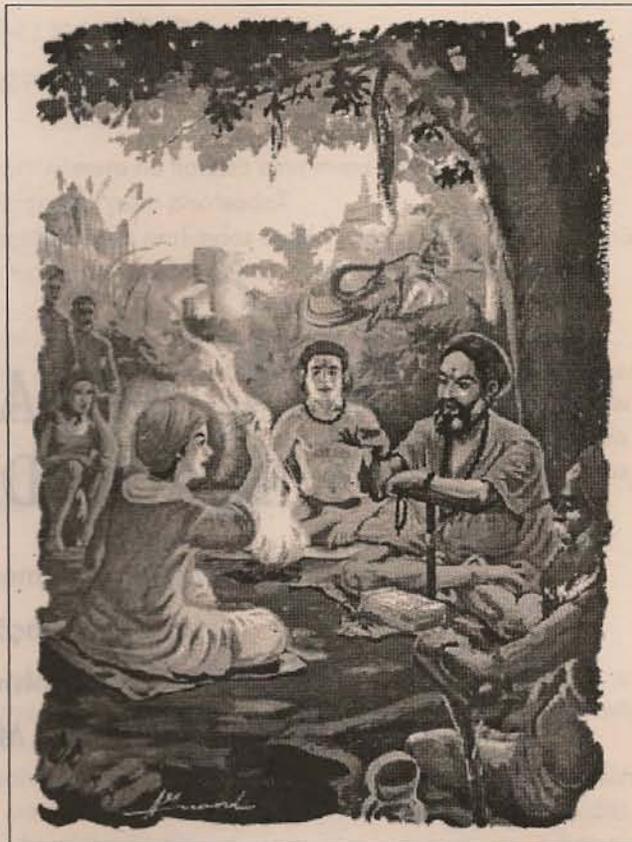
Vijan, que era professor, entregava-se ao trabalho com grande devoção, dedicando o tempo livre à prece. Quando não estava orando, estava servindo as pessoas à sua volta. Com todos mostrava-se humilde. Lentamente, foi saindo de sua tristeza. O medo da morte não mais crescia como uma sombra à sua frente. Vijan entregara-se a Deus.

Seis meses se passaram. Uma tarde, Vipul procurou Vijan e disse: “Caro amigo, vou escolher um local para meu futuro palácio. Não quer me acompanhar?”

Vijan foi com ele. Estavam examinando uma área deserta quando Vipul tropeçou num pote semi-enterado. Acabou de desenterrá-lo, retirou a tampa e viu que estava cheio de ouro. “Viva!”, gritou. “Minha sorte começa a brilhar! Já posso usar este ouro nos preparativos para receber a coroa que me é destinada.”

Mal tinha acabado de pronunciar estas palavras, um bandido saltou de uma moita e tentou arrebatar-lhe o pote. Vijan acorreu em auxílio do amigo e o bandido o enfrentou com uma adaga. Vijan, mais forte que o bandido e conhecedor dos truques da autodefesa, atingiu-o com um soco certeiro. A adaga caiu das mãos do bandido, mas cortou o ombro de Vijan. O bandido fugiu.

Agradecido, Vipul ofereceu a Vijan metade da



Aquarela de B. M. Anand,
do livro *The Story of Guru Nanak*, de Mala Singh

riqueza contida no pote. Mas Vijan delicadamente recusou o oferecimento, argumentando que, uma vez que em breve deveria morrer, não precisaria de dinheiro.

Vipul esbanjou sua fortuna com toda sorte de caprichos – comendo, bebendo, divertindo-se de muitas maneiras dúbias.

Passou-se um ano, sem sinal de coroa para Vipul nem de morte para Vijan.

Eles esperaram mais um pouco e decidiram ir à procura do eremita que, nesse meio tempo, havia se embrenhado ainda mais na floresta.

“Mestre, como se explica que sua previsão não tenha se cumprido?”, perguntaram-lhe quando finalmente o localizaram.

O eremita sentou-se e meditou longamente. E disse a Vipul: “Seu destino mudou por causa de suas ações tolas no decorrer destes meses. A coroa que lhe estaria destinada foi reduzida ao pote de ouro que você achou no campo”.

Voltando-se para Vijan, ele disse: “Suas orações, sua humildade e sua confiança no Divino também mudaram seu destino. A morte pela mão do assassino foi reduzida a um mero ferimento”.

Os dois amigos retornaram em silêncio. ▲

Publicado pela *Indian and Foreign Review* - julho de 1987

HUMBERTO MARIOTTI

CULTURANÁLISE

O método que leva as organizações a tornar consciente o que já sabem de si. Mais que diagnóstico, um processo de auto-análise e auto-regulação: uma mudança sem receitas vindas de fora.

O século XIX foi o da ciência e o XX o das guerras, mas também dos grandes avanços tecnológicos. Se nos lembrarmos de que, segundo os analistas mais autorizados, o conhecimento e a sabedoria serão os produtos mais valorizados do Terceiro Milênio, nossa posição começará a mudar.

O conhecimento (que inclui o autoconhecimento) aumenta a eficiência, a produtividade e a motivação para o cumprimento da missão específica de uma dada organização. Mas, vai além. Dentro das enormes mudanças por que vêm passando, as empresas têm investido cada vez mais no aperfeiçoamento cultural de seus colaboradores.

A era dos superespecialistas acabou. O conhecimento de campos restritos e exclusivamente técnicos, por maior que seja, já não basta para proporcionar a amplitude de pensamento que os novos tempos pedem.

Por isso, as grandes corporações do mundo inteiro vêm mudando suas perspectivas. Nas empresas, por iniciativa de sua alta direção, o conhecimento técnico vem sendo complementado por cursos e atividades nos mais varia-

dos campos: filosofia, sociologia, arte, promoção da saúde, criatividade, literatura e assim por diante. As fronteiras entre as ciências humanas e as exatas vêm se apagando, diante da necessidade maior de uma abertura para as novas realidades.

Em suma, é indispensável ampliar nosso horizonte cultural. É necessário utilizá-lo constantemente, sempre visando a integração empresa-sociedade. Mais que isso, abre-se para as empresas um novo desafio, o da educação. A empresa também como escola – eis a direção em que está seguindo a era do conhecimento.

Sabemos que um grande problema de países como o Brasil é a educação deficiente. Sabemos também que a rigidez do Estado, o conservadorismo da Universidade e a relativa inacessibilidade da linguagem acadêmica, limitam a capacidade de essas instituições compreenderem e solucionar os desafios educacionais. Num mundo em processo de desestatização, cresce a responsabilidade das empresas na dinâmica educacional, seja patrocinando escolas, seja pela extensão à sociedade de seu desenvolvimento cultural interno.

No século da educação, da aplicação em larga escala das tecnologias da inteligência, da abertura de fronteiras e da disseminação do saber, as organizações serão crescentemente chamadas a atuar. As que não entenderem essa necessidade terão problemas num futuro próximo – caso até lá não tenham sido absorvidas pelas que já a entenderam.

Para conhecer é preciso autoconhecer-se. Por isso, as organizações terão de se preparar para as novas responsabilidades. Ou seja, precisam conhecer a sua cultura interna, seu imaginário grupal, onde está o seu potencial de mudanças. Nada disso pode ser percebido por meio de diagnósticos baseados em teorias; só a experiência concreta tem essa profundidade.

Assim, ministrar cursos, seminários, workshops e similares é uma boa proposta, mas que pode ser ampliada e aprofundada, desde que precedida de um diagnóstico organizacional (a culturálise) e nele embasada.

Dessa maneira, a programação educacional é dirigida para as necessidades de cada empresa, tais como levantadas pelo trabalho culturálítico. Torna-se, então, parte de um processo maior, de mudanças em profundidade. Seus resultados se refletirão em todas as áreas que definem a missão da organização.

A culturálise difere dos demais métodos de diagnóstico organizacional, não só porque vai além das estruturas de superfície, mas porque sua abordagem é sócio-antropológica, com destaque para o acesso ao imaginário das organizações.

O ideário de onde surgiu a prática culturálítica vem basicamente dos trabalhos de Edgar Morin e Gilbert Durand, na França, do Movimento Institucional, ainda na França e em outros países e, nos Estados Unidos, da obra de Gregory Bateson e outros membros da escola de Palo Alto. É importante destacar também a obra de Carl Gustav Jung.

CONCEITOS BÁSICOS – 1. Instituição é o conjunto de idéias que regulam a vida humana, com base em valores, que se traduzem em normas, regras e leis. Estas definem o que pode e o que não pode, o que deve e o que não deve ser feito. Alguns exemplos de instituição: o dinheiro, a educação, a comunicação social, a religião, a justiça, a gramática de uma língua. As sociedades humanas são redes de instituições.

Toda instituição tem dois pólos, o instituinte e o instituído. O instituído é o conjunto de regras e normas de uma instituição. Tende a se imobilizar, a se cristalizar. O outro pólo, o instituinte, tende ao movimento e a questionar o instituído, que reage tentando reprimi-lo. Na verdade um não pode existir sem o outro, nem subjugar-lo indefinidamente; do diálogo entre instituído e instituinte (entre o tradicional e o renovador, digamos assim) surge o equilíbrio institucional.

2. Organização é a instituição em funcionamento. A instituição é abstrata, ideal. A organização é esse ideal posto em prática, é a instituição materializada. Por exemplo, a educação é uma instituição, o conjunto de escolas é uma organização.

Em termos organizacionais, o organizante equivale ao instituinte; traduz dinâmica, funcionamento, e sua representação gráfica é o funcionograma. Já o organizado corresponde ao instituído, traduz funções; sua representação gráfica é o organograma. O organizado tende a permanecer estático. Por isso, tenta constantemente reprimir o organizante, que em seu dinamismo acompanha o fluxo da vida, não se deixa dominar totalmente e é fonte de mudança nas organizações.

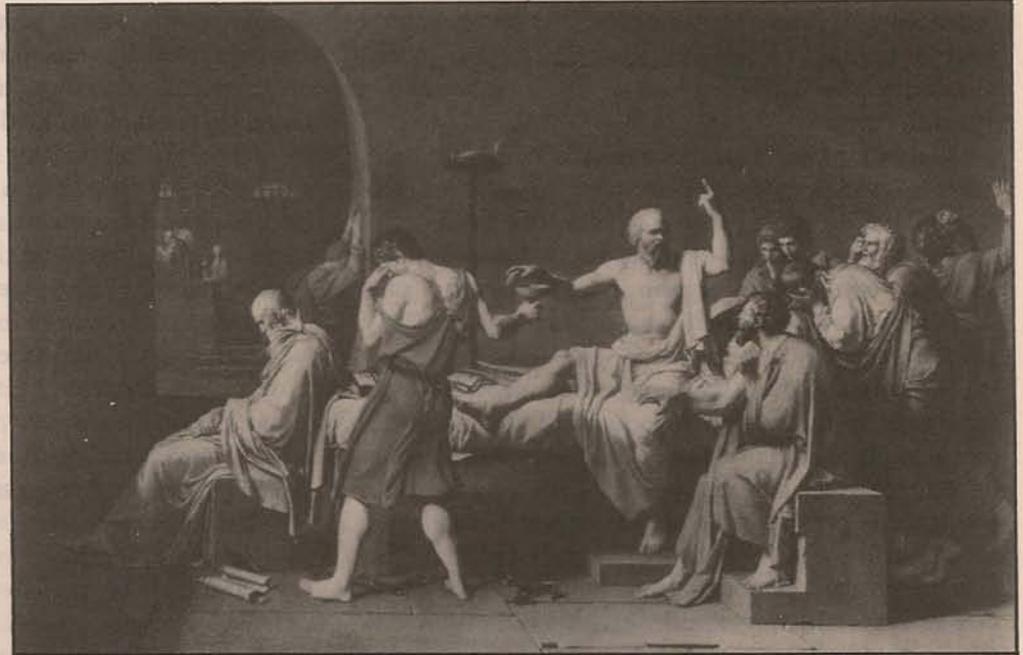
3. Estabelecimento é a unidade organizacional. Retomando o exemplo, a educação é a instituição; o conjunto de escolas a organização, e a escola como unidade é o estabelecimento. Para as finalidades da culturálise organizacional, pode-se tomar os termos “estabelecimento” e “organização” como equivalentes.

4. O Imaginário compõe-se de arquétipos, isto é, de modelos fundamentais que estruturam o inconsciente humano, e que se transmitem de geração a geração. É a dimensão dos mitos, símbolos e lendas, que constituem patrimônio da humanidade em todas as culturas e em todos os tempos.

É a partir desse inconsciente coletivo que se organizam a racionalidade e a nossa capacidade de entender o mundo real. Assim, o real está sempre permeado pelo imaginário e vice-versa; a relação entre os dois é um diálogo constante, que quase sempre acontece no plano subliminar. Eis por que Edgar Morin diz que é mais fácil para um homem participar das lendas de uma cultura que lhe é estranha, do que se adaptar à vida cotidiana dessa cultura.

É no imaginário que se congregam o instituinte e o organizante; é dele que emanam as pulsões criadoras, a energia para as mudanças, a capacidade de conviver com a aleatoriedade – em suma, de lidar com a lógica da contradição.

5. Grupo é um conjunto de pessoas reunidas em torno de um objetivo comum, e que dependem umas das outras para alcançá-lo. Grupo sujeito é o que depende de diretrizes externas para viver; não tem outro objetivo senão a própria subsistência. Seu centro de auto-avaliação é projetado em valores externos. Grupo sujeito é aquele que se auto-regula e se autoconstrói; sabe-se finito, por isso valoriza suas potencialidades e o momento presente. Seu centro de auto-avaliação é interno, mas dialoga incessantemente com o mundo.



A Morte de Sócrates, óleo de Jacques Louis David

6. Toda organização tem uma **cultura patente** (de superfície) e uma **cultura latente** (subliminar). A patente corresponde ao pólo organizado. É por meio dela que a organização é visível. Trata-se do lado superficial e mensurável da estrutura organizacional; é a maneira como a instituição deseja aparecer.

A cultura latente representa o pólo organizante. Nela estão as pulsões desejantes, a aleatoriedade, a "conflitoriedade", os impulsos e os desejos de transformação. A cultura patente, para se manter como tal, reprime sempre a latente. Quando essa repressão é excessiva (superinstitucionalização, super-ritualização), cresce também a energia criativa e modificadora da cultura latente.

Em outras palavras, o pólo da ordem está sempre em oposição ao pólo da desordem e vice-versa. Mas nenhum deles deve predominar. Se a cultura patente é a desordem organizada, é também certo que ela precisa do caos (que tem em si mesmo uma ordem implícita), para que a partir dele venha à tona a ordem explícita.

É importante deixar claro que, quando falamos em polaridades opostas, não pensamos em atribuir-lhes juízos de valor. Não é que umas sejam melhores ou piores do que outras; trata-se apenas de coisas diferentes. O que se deve buscar é o equilíbrio; é afastar qualquer espécie de unilateralização.

7. **Conhecimento** é algo que pode ser obtido pelo estudo, pela pesquisa e pela observação sistemática. Assim, fala-se em aquisição de conhecimento, produção de conhecimento, acumulação de conhecimento.

Isso permite que ele seja controlável pelos que o acumularam, o que o torna disponível ou não fora de um determinado círculo. Em outros termos, é possível estabelecer uma reserva de conhecimento; e então, o saber pode se transformar num instrumento de opressão.

8. **A sabedoria**, ao contrário, não pode ser adquirida nem acumulada somente pelo estudo. Não é adaptativa e sim um processo gerador, de criação. A sabedoria nos chega apenas por meio da experiência vivida. Na verdade, ela é também a capacidade que temos de usar de maneira mais adequada o conhecimento.

9. **Maiêutica** é a proposta socrática de tirar das pessoas o que elas já sabem mas de que não têm consciência, mostrando-lhes do que são capazes. Para Sócrates, os homens estão sempre "grávidos" da verdade; é preciso que alguém os ajude no "parto". Assim, a maiêutica é a arte de ativar processos emergentes. Eis a essência do método indutivo que, segundo Aristóteles, foi uma criação socrática.

METODOLOGIA – A culturálise organizacional visa identificar os pontos em que o fluxo criativo está estrangulado, com o conseqüente desequilíbrio entre a dinâmica das culturas patente e latente, isto é, entre o organizado e o organizante. A partir da identificação de seus pólos e de como eles estão interagindo, levanta-se a paisagem mental da organização.

Este é o ponto de partida para facilitar o aparecimento das mudanças necessárias ao equilíbrio. A culturálise feita pela primeira vez numa organização

representa a primeira "geração". Ela torna clara a necessidade da conscientização do diálogo patente-latente. As "gerações" seguintes o manterão e aperfeiçoarão.

A culturálise é um processo maiêutico, isto é, parte do princípio de que as soluções estão na própria cultura de onde surgem os problemas. Tais soluções serão descobertas e postas em prática pelas pessoas que compõem a organização, usando sua própria criatividade e falando sua própria língua. Daí a grande importância do método na educação.

O centramento nas pessoas torna o procedimento flexível e de fácil compreensão. Essa facilidade aumenta ainda mais quando os participantes se dão conta de que se trata de um método experiencial: tudo emerge das pessoas e de seus relacionamentos.

O trabalho é feito sempre em equipe. Não há diretivas nem juízos de valor; tomam-se os dados como eles se apresentam à experiência imediata. Não existe a figura do observador pretensamente isento e não-participante; ou seja, não há a postura do modelo sujeito-objeto.

O roteiro a seguir baseia-se nos referenciais vistos resumidamente, bem como em culturálises realizadas em escolas e empresas. O trabalho compreende três fases:

- a) coleta de dados;
- b) tabulação e análise dos resultados;
- c) apresentação e discussão.

Em toda sua evolução, o processo se mantém sempre maiêutico. Tudo deve ser dito pelas pessoas que compõem a organização – do enunciado das dificuldades e desafios às propostas de solução. O trabalho culturálítico completo não deve demorar mais que cinco dias.

COLETA DE DADOS – Antes de iniciá-la, deve-se delimitar o universo em análise. Ele pode abranger todas as pessoas que trabalham numa organização, mas há a alternativa da amostragem. Neste caso, a amostra deve ser estatisticamente representativa.

Numa opção ou na outra, porém, é fundamental a participação direta, bem como o comprometimento da presidência e da alta administração. Por sua vez, a equipe que realiza a culturálise deve comprometer-se a apresentar com clareza os resultados. Mais ainda, deve estar preparada para o processo de facilitação de mudanças que se segue ao trabalho culturálítico, se ele for solicitado, o que quase sempre acontece.

O levantamento dos dados é feito por meio de entrevistas estruturadas, isto é, guiadas por um questionário. Cada entrevista dura de 15 a 20 minutos. Os questionários não são identificados. Nenhum deles será examinado isoladamente; nenhuma palavra registrada será utilizada fora do contexto. As respostas

devem ser transcritas exatamente como dadas pelos entrevistados. Mesmo assim, não serão citados nomes. Os entrevistadores devem tornar clara essa garantia de confidencialidade.

O local das entrevistas será sempre a organização, e o horário, o de trabalho. O tempo que os entrevistadores passam na organização deve ser o estritamente necessário à colheita de dados. Essa primeira passagem é chamada *leitura de colheita*.

Os aspectos a serem examinados são:

- Objetivos/metaspesíficas
- Auto-avaliação
- Espaço criativo
- Comunicação/Fluxo de informações/Linguagem
- Relações interpessoais/Comportamento
- Níveis de estresse
- Arquetipologia
- Simbologia
- Prioridades
- Desejos de transformação

TABULAÇÃO E INTERPRETAÇÃO – A maioria das respostas obtidas pode ser tabulada e expressa estatisticamente. Os dados que não o forem serão trabalhados de outra forma, como veremos. Assim, o processo mensurativo será complementado pelo não-mensurativo, de acordo com a orientação da complementaridade. Todos os dados serão analisados e comentados. Os resultados, escritos ou expressos graficamente, serão colados em painéis, de modo que seja possível uma visão do conjunto.

A função dos painéis é apresentar os resultados partindo do todo para as partes. A colagem dos textos e gráficos lado a lado permite que as partes possam ser examinadas sem que o todo seja perdido de vista. Essa simultaneidade é que irá permitir o cruzamento dos dados.

Semelhanças, discrepâncias ou áreas "silenciosas" permitirão levantar as manifestações da cultura latente da organização. Por exemplo, pode acontecer que 70% dos entrevistados informem que desconhecem as metas da empresa; na última questão, porém, quando perguntados sobre sugestões a respeito dessas mesmas metas, fornecem uma lista delas. Como é óbvio, discrepâncias assim são reveladoras.

Contradições deste tipo permitirão que venham à tona descompassos entre o que se diz, ou que se pensa, e o que realmente se faz, no cotidiano da organização. Uma das primeiras discordâncias que costuma surgir é a verificada entre o organograma proposto (no caso das organizações que o adotam) e o organograma que se pratica – o *fático*. Ou seja: torna-se clara a divergência entre o que se imagina estar fazendo e o que realmente está sendo feito.

Esta fase corresponde à *leitura de suspeita*. O processo de cruzamentos sucessivos das informações coletadas permite detectar quais as palavras-chave (*unitermos*) do discurso organizacional.

Sabemos que as pessoas têm, em todos os momentos de suas vidas, determinado vocabulário que baliza seus pensamentos e sentimentos.

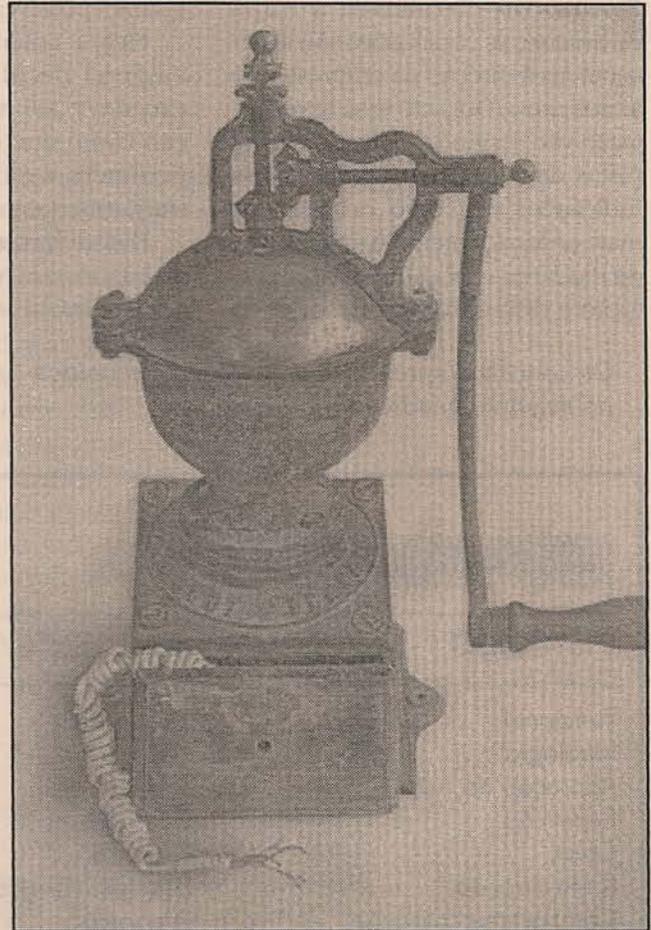
O mesmo acontece nas organizações. O registro dessas palavras e expressões mostra muito sobre o momento e as circunstâncias em que elas aparecem, ou se modificam, ou deixam de surgir. Os *unitermos*, detectados e registrados num painel à parte, revelarão o discurso patente (e também uma parte do latente) da organização.

Nos ítems arquetipologia e simbologia, o levantamento é feito também durante as entrevistas. Em ambos os casos, apresentam-se aos entrevistados duas séries de ilustrações. Na primeira há um conjunto de figuras arquetípicas e na segunda um conjunto de símbolos. Ao ver cada uma das imagens, os entrevistados reagem de modo particular. Pedese então que eles verbalizem o que estão sentindo. Suas palavras e expressões são registradas nos questionários, sob as ilustrações respectivas.

Essas palavras e expressões são então transpostas para outro painel, onde representarão o discurso latente do imaginário organizacional. O cruzamento do discurso latente com o discurso patente proporcionará uma série de conclusões, seja pela coincidência, pela discrepância ou pela inexpressividade de um ou de ambos.

Dessa forma têm-se registradas a mitologia e a simbologia organizacionais. Hoje, para o levantamento das palavras-chave dos discursos, bem como para o seu cruzamento, há um refinamento: a análise pode ser facilitada e acelerada usando-se programas de computador em hipertexto, que permitem interligar diferentes contextos.

Eis mais um exemplo da complementaridade que deve existir entre os paradigmas. Ela permite que o símbolo, o mito e a alta tecnologia da informática se complementem, em benefício da práxis humana; o



The Coffee Machine, pintura de Anne Bruchesi

não-mensurável se beneficia do mensurável, e a dimensão mítica do imaginário se torna acessível à consciência, o que possibilita incorporá-la à concretude do cotidiano.

Sempre com base nos painéis, cruzam-se novamente os discursos patente e latente. Surge então uma nova possibilidade, a de identificar os rituais da organização. Assim, é possível ter uma idéia do grau de ritualização de uma estrutura organizacional. Isso tem utilidade prática, pois sabemos que quanto maior a ritualização maior a institucionalização. Essa é mais uma chave para abrir áreas bloqueadas e distorcidas da tessitura da dinâmica organizacional.

Ainda cruzando e recruzando dados, é possível aprofundar o confronto entre as culturas patente e latente. Dessa vez, torna-se possível exprimir graficamente as conclusões alcançadas. Procura-se então agrupar dados semelhantes, não só no que diz respeito às dificuldades, como às sugestões para a sua solução, tais como expressas nos desejos de transformação. Não é incomum que essas linhas de fluxo se dirijam para um centro, o que confere à sua tradução gráfica a configuração de um mandala.

RESULTADOS – Terminada a etapa de análise, as conclusões são apresentadas à direção da empresa que as solicitou. Durante essa apresentação vão surgindo, como já vimos, pistas de solução, ou pelo menos indicações de como encaminhar mais ordenadamente os processos de mudança esboçados. A apresentação e discussão devem ser tanto

quanto possível minuciosas.

Fica a critério da diretoria da empresa decidir se a apresentação deve ser aberta à organização como um todo. Na nossa experiência, é o que acontece mais freqüentemente.

Dessa forma chega ao fim o trabalho culturalanalítico que, como dissemos, já é o início do

processo de mudanças na organização. Tal processo será agora incrementado; é outro trabalho, que envolve uma série de métodos e técnicas específicos. Costumamos chamá-lo de processo de reparadigmatização, porque envolve mudanças profundas, paradigmáticas. Sua descrição será objeto de outro texto. ▲

Os conceitos apresentados podem ser reunidos no seguinte quadro sinóptico:

INSTITUIÇÃO	
INSTITUÍDO	INSTITUINTE
Funcional	Funcionante
Ideologia	Utopia
Adoração do herói	Amor às idéias
Repetição	Diferença
Coisa	Processo
Centralização	Descentralização
Compartimentalização	Integração
Determinismo	Pensamento sinérgico
Permanência (tradicionalismo)	Transitoriedade (criatividade)
Quantidade	Qualidade
Fragmentação	Totalidade
Ordem	Diálogo ordem/desordem

ORGANIZAÇÃO	
ORGANIZADO	ORGANIZANTE
Resultado	Processo
Conhecimento	Sabedoria
Alienação	Comprometimento
Feedback externo	Feedback interno
Tendência à cristalização	Tendência à fluidez
Reprodução (repetir e perpetuar o já existente)	Produção (fazer o novo, fazer diferente)
Organograma	Funcionograma
Função	Funcionamento
Grupo sujeitado	Grupo sujeito
Ganha/perde	Ganha/ganha
"E/ou"	"E/e"
Patente	Latente

Bibliografia

- Anzieu, Didier, *Le Groupe et l'Inconscient - l'Imaginaire Groupal*, Dunod, Paris, 1975.
- Barenblitt, Gregório, *Compêndio de Análise Institucional e Outras Correntes - Teoria e Prática*, Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1992.
- Bateson, Gregory, *Steps to An Ecology of Mind*, Ballantine Books, Nova York, 1985; *Mente e Natureza - A Unidade Necessária*, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1986.
- Blumenberg, Hans, *Work on Myths*, Massachusetts Institute of Technology Press, Cambridge, 1987.
- Campbell, Joseph, *O Poder do Mito*, Palas Athena, São Paulo, 1990.
- Castoriadis, Cornelius, *A Instituição Imaginária da Sociedade*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1982.
- Deming, W. Edwards, *The New Economics - For Industry, Government and Education*, Massachusetts Institute of Technology - Center For Advanced Engineering Study, Cambridge, 1993.
- Douglas, Mary, *How Institutions Think*, Syracuse University Press, Syracuse, 1986.
- Durand, Gilbert, *L'Imagination Symbolique*, Presses Universitaires de France, 1964; *Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire - Introduction à l'Archétypologie Générale*, Bordas, Paris, 1969.
- Feinstein, David; Krippner, Stanley, *Personal Mythology - Using Ritual, Dreams and Imagination to Discover Your Inner Story*, Jeremy P. Tarcher, Nova York, 1988.
- Jung, Carl G., *O Homem e Seus Símbolos*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, s.d.
- Lapassade, Georges, *Grupos, Organizações e Instituições*, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1989.
- May, Rollo, *The Cry for Myths*, W. W. Norton, Nova York, 1989.
- Morin, Edgar, *O Método I. A Natureza da Natureza; O Método II. A Vida da Vida; O Método III. O Conhecimento do Conhecimento; O Método IV. As Idéias - A Sua Natureza, Vida, Habitat e Organização*, Publicações Europa-América, Lisboa, s.d.; *Science Avec Conscience*, Fayard, Paris, 1992.
- Nirenberg, John, *The Living Organization - Transforming Teams into Workplace Communities*, Pfeiffer & Company, San Diego, 1993.
- Schein, Edgar H., *Organizational Culture and Leadership*, Jossey-Bass Publishers, San Francisco, 1992.

Este texto é extraído do livro *Do Imaginário ao Cotidiano: a Culturalanálise das Organizações na Prática*, ainda não publicado.

O

ANDRÉ DE OLIVEIRA PORTO

PARLAMENTO DAS RELIGIÕES DO MUNDO

Chicago, 1993. Um relato do mais importante encontro religioso do mundo moderno, seus projetos e perspectivas.



Parlamento das Religiões do Mundo, Chicago, 1993

O ano de 1993 foi um marco na história das religiões. O II Encontro do Parlamento das Religiões do Mundo, realizado em agosto em Chicago, reuniu, em quase sua totalidade, o círculo das nações religiosas da terra. Com o propósito de promover o diálogo e pensar a atuação inter-religiosa no mundo atual, representantes e líderes de 125 diferentes tradições religiosas e grupos espirituais passaram uma semana nos salões de conferência de um grande hotel. Nunca tão abrangente diversidade de tradições espirituais havia se reunido. O I Encontro do Parlamento, em 1893, também realizado em Chicago, reuniu 17 religiões e foi o primeiro momento em que, oficialmente, as tradições religiosas do Ocidente e do Oriente começaram

Kamala Goldberg

ANDRÉ DE OLIVEIRA PORTO é professor de astrologia e filosofia, produtor e articulador da Rede Inter-Religiosa do Rio de Janeiro e colaborador do Instituto de Estudos da Religião - ISER

a dialogar. Antes disso, só os diálogos inter-religiosos promovidos por Spinoza no século XVII representaram uma iniciativa digna de nota no assunto.

Durante cinco anos, um conselho interinstitucional e inter-religioso organizou o II Encontro do Parlamento, num extenso trabalho de negociações e preparativos. A maior representatividade geográfica e a participação democrática de todos os grupos envolvidos foram os grandes desafios. Todos os continentes estavam representados nos plenários, nas apresentações de arte sacra, nos rituais e preces que compuseram o Parlamento. Ao todo, quinhentos programas ocorreram na semana do Encontro, onde muitas vezes se podia optar entre até vinte eventos simultâneos.

Participar do Parlamento foi para mim a oportunidade de ampliar meus estudos sobre religião comparada e me atualizar com as novas questões do diálogo inter-religioso. Uma série de grupos, até então desconhecidos para mim, tornaram-se pessoas vivas com cores e símbolos distintos. Os contatos corpo a corpo nos corredores, restaurantes e salões do hotel trouxeram-me novas idéias e valores, expandindo e “desenferrujando” minha capacidade de reflexão.

Durante quase todo o tempo, estive observando tudo através do olho da câmera de vídeo, preocupado em registrar com a maior nitidez a força e o sentido da ocasião. Carregando o peso da câmera, do tripé, da luz e da responsabilidade de viabilizar um vídeo sobre o Parlamento para o Brasil, vivi momentos de intensa concentração e alegria. Representando o ISER - Instituto de Estudos da Religião, apresentei o vídeo “Um Dia para a Terra” no festival de vídeo do Encontro. Particpei a todos os que se interessaram o histórico, as idéias e os projetos inter-religiosos desenvolvidos no Rio a partir do Fórum Global da Eco 92. As iniciativas inter-religiosas cariocas distinguem-se por sua expressiva capacidade de mobilização e originalidade. O entrosamento e o calor humano da Rede Inter-Religiosa do Rio de Janeiro são um bom exemplo de modelo pacífico de diálogo e interação que se tenta articular em nível global. Entretanto, falta-nos a organização e maior acesso às redes de informação. Seja por problemas técnicos ou de alienação ao contexto internacional, as ordens religiosas na América Latina em sua maioria mantêm-se envolvidas somente em assuntos locais e nacionais.

Cabe-nos refletir mais profundamente sobre a unicidade da vida em todos os seus processos energéticos, naturais, culturais e evolutivos. A imagem da Terra fluando no espaço registra simbolicamente o sentimento de totalidade interdependente, tão comum a vários movimentos espirituais. Cita-se muito Lennon: “pense mundialmente e atue localmente”.

DIFERENÇAS E SOLUÇÕES COMUNS – O fato de tal diversidade encontrar-se frente a frente, disposta a aprofundar o intercâmbio e encontrar um caminho de ação integrada, representa um passo marcante na evolução do relacionamento entre as religiões. Tradições milenares separadas por muralhas de medo e preconceito passam a buscar soluções comuns para problemas universais da humanidade. Todo um passado obscuro de discórdia, ferro e sangue, precisa evoluir para um presente de paz e dinamismo de ação perante os desafios de nosso tempo. A visão de cada grupo, sua vivência e resultados, são compartilhados com todos os outros no delicado processo do diálogo inter-religioso. Muitos se entusiasmam ao falar e poucos realmente escutam com atenção. Porém, o contato direto parece desmanchar tabus, provocar a curiosidade e estimular parcerias.

Quando se discorre sobre o ser humano, o sagrado, a natureza, a justiça, a responsabilidade e os mais diversos temas comuns a todas as culturas, apesar das aparentes diferenças percebe-se uma unidade coerente no discurso comparado das religiões. As idéias e propostas básicas de todas as tradições ganham força e dinamismo quando lembramos que a humanidade é a própria fonte de seus problemas e portanto só cabe a ela solucioná-los. Estamos começando a perceber a magnitude do mosaico da civilização humana, que na busca do significado da vida encontra raízes profundas e semelhantes.

As redes religiosas passam a articular caminhos de viabilização para projetos internacionais de cooperação técnica, financeira, intelectual e espiritual. Isto torna-se possível dentro da idéia da aldeia global. Formam-se, ao redor do mundo, anéis de grupos com preocupações de ordem vital para a sobrevivência e evolução consciente da espécie humana. A complexa questão ecológica e a busca de modelos eficazes de desenvolvimento auto-sustentável estão presentes na agenda e no cotidiano de grande parte das ordens religiosas, que aos poucos formam parcerias em projetos de proteção ambiental e de pesquisa de sistemas de energia limpa. O universo das religiões e o mundo das organizações não-governamentais (ONGs) nos últimos anos estreitam seus elos e contatos – em muitos casos grupos espirituais tomam o corpo de uma ONG, passando a atuar com maior autonomia e agilidade. Poderíamos dizer que neste fim de milênio as pessoas de fé em todo o mundo estão se organizando e agindo de maneira mais unificada. Fala-se muito da unidade na diversidade, da importância das diferenças e do valor de objetivos comuns.

Fazendo um apanhado geral das imagens que mais me tocaram, é nos sorrisos um pouco ansiosos e nos tímidos apertos de mão que vejo traduzida a essência



Kamala Goldberg

Representantes religiosos em Plenário

desta fase atual do movimento inter-religioso no mundo. Há um inesgotável potencial de ação em benefício da terra, e ao mesmo tempo um delicado e complexo caminho de integração a ser percorrido. O Parlamento das Religiões do Mundo mostrou que muita coisa pode ser realizada no campo do intercâmbio e da interação religiosa. Cabe a todas as partes envolvidas na questão ter sensibilidade para a importância do processo desencadeado no ano de 1993 e manterem-se atualizadas e atuantes nas metas e compromissos assumidos no Parlamento. A alegria sentida por muitos durante o encontro deve despojar-se do nervosismo de se lidar com o novo e alcançar a comunhão espiritual de que precisamos para criar, em harmonia, uma nova era para a humanidade.

A CAMINHO DA INTEGRAÇÃO – O Conselho Organizador do Parlamento das Religiões do Mundo continua em atividade e concentra seus esforços no sentido de ampliar a rede inter-religiosa mundial e dar andamento

ao calendário de encontros e atividades. As comunidades religiosas e grupos espirituais de Chicago, juntamente com o Conselho do Parlamento, fundaram o Centro Metropolitano Inter-Religioso, com o objetivo de articular em nível concreto a aplicação das idéias básicas do Parlamento.

Sente-se uma grande expectativa de que surjam resultados rápidos. Porém, a dimensão profunda deste momento de encontro exige cuidado e paciência para que o Movimento Inter-Religioso evolua espiritualmente e no plano da realidade. Todas as iniciativas e projetos desenvolvidos pelas redes religiosas são necessários para despertar no ser humano o desejo de virar a página de sua história e encontrar um novo paradigma que forneça a visão e o significado de um tempo mais luminoso por vir. Não será um processo fácil nem rápido. No entanto, o caminho de integração e cooperação aparece nesta altura como tendência natural, por parte dos indivíduos e entidades preocupados com a criação de uma nova mentalidade no mundo. ▲

VERA LÚCIA PAES DE ALMEIDA

A ESPIRAL CONTEMPLATIVA

Movimento de meditação e máxima atenção, estado especial de consciência presente a todo momento, a contemplação dá sentido e intensidade à vida.

Contemplação. S.f. 1) Aplicação demorada e absorta da vista e do espírito. 2) Meditação profunda. 3) Consideração, deferência. (Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa).

Contemplar envolve uma atitude, um gesto, um movimento, que em nosso imaginário estão relacionados, entre outras coisas, com uma posição estática, absorta, voltada para si mesma, como a escultura "O Pensador" de Rodin.

A obra de Rodin sugere a verticalidade, o mergulhar em si mesmo, a profundidade, o avançar penoso e com esforço para baixo e para dentro nas várias camadas do ser. É o trabalho e a atitude que associamos aos pensadores de várias áreas da cultura (cientistas, filósofos) e também à vida religiosa, monástica, de quem se dedica a uma existência de oração e contemplação divina, seja no Oriente ou Ocidente. Neste caso, a verti-

calidade volta-se para cima em busca do espírito.

Também assumimos uma atitude contemplativa ao defrontar-nos com algum problema existencial que nos obrigue a parar e refletir mais intensamente sobre a decisão a tomar, ou sobre o significado daquele evento em nossas vidas. Isso quer dizer que o contemplar está comumente associado a atividades distantes do cotidiano da maioria das pessoas, ou representa uma parada forçada, uma "quebra" no ritmo desse cotidiano – aliás, sentida como desagradável na maioria das vezes.

Além do movimento vertical, há ainda outra possibilidade contemplativa, ligada a um movimento circular horizontal: o objeto de contemplação é circundado, rodeado, visto e sentido de vários ângulos. A riqueza desse modo contemplativo provém não tanto da profundidade, mas da multiplicidade do

VERA LÚCIA PAES DE ALMEIDA é psicoterapeuta junguiana e professora de psicologia no Instituto Sedes Sapientiae

enfoque. É uma atitude mais ligada ao mundo da criatividade e da natureza. Uma possibilidade de se ligar às coisas em volta, deixando o mundo interno se esparramar amorosamente sobre o mundo externo, ou de deixar o mundo externo exercer seu fascínio inspirador sobre nossa alma. A contemplação aqui não está tão associada ao esforço intelectual ou espiritual explícitos, mas a uma atitude lúdica, sensorial, afetiva na busca do significado em suas múltiplas formas ou expressões cambiantes. Para o habitante da cidade, parece uma possibilidade distante do cotidiano, associada a uma vida no campo, no contato com a natureza, ou a uma vida criativa com especial sensibilidade de expressão artística.

Com isso, vemos que grande número de pessoas não usufrui da atividade contemplativa em suas vidas, mergulhando num ritmo caótico, e extremamente desgastante porque não é determinado por uma escolha interna e sim por pressões externas. O que leva ao movimento do círculo vicioso. O gesto é repetitivo, mecânico, entediante e visa apenas a rapidez, a eficácia, o avançar sempre à frente. No entanto, é um movimento que não sai do lugar, pois retorna sempre ao ponto de partida sem transformações valiosas ou de grande monta. A ausência da qualidade contemplativa torna o trabalhar, o estudar, o criar filhos, o adquirir estabilidade, o fazer amigos algo angustiante e estressante para a maioria das pessoas. Vive-se numa busca frenética de informações igualmente velozes, que tanto se recebem quanto se produzem incessantemente, sem tempo para serem digeridas e transformadas em dados valiosos para a própria vida.

NÃO MAIS CÍRCULO: ESPIRAL – Parece que a contemplação não faz parte do mundo contemporâneo, a não ser para aqueles que se tornam representantes e depositários dessa atividade: pensadores, artistas e místicos. O que não é percebido é que eles apenas desenvolvem *prioritariamente* um potencial que pertence igualmente a todos os seres humanos: todos podem desenvolvê-lo. Como esse potencial é marginalizado, esquecido, pensamos ser possível viver sem atualizá-lo. Sim, podemos viver sem usar de nossa capacidade contemplativa, mas o resultado é uma perda de qualidade e intensidade em nossas vidas.

A contemplação fornece uma saída ao círculo vicioso ao realizar o movimento em espiral ascendente e descendente. Essa espiral une a verticalidade da contemplação intelectual e espiritual à horizontalidade da contemplação lúdica, estética, afetiva. Ao unir os dois movimentos (horizontal e vertical), além de maior flexibilidade e variedade de atitudes, encontramos certa desaceleração, certo afrouxamento no

ritmo frenético do círculo vicioso. Surge então um relaxamento que permite a cada pessoa encontrar seu próprio ritmo perante as necessidades do momento e suas possibilidades internas e externas.

A contemplação também está associada ao olhar, a olhar alguma coisa com atenção e cuidado. O olhar para o mundo reflete nossa maneira de olhar para nós mesmos. Quando estamos no movimento de círculo vicioso, o olhar não estabelece contato, não cria envolvimento, não vê. Olhar o mundo com embevecimento e reverência é raro. Da mesma forma, nossas imagens internas são privadas desse contato e definham por falta de amor e atenção. Nada nasce e floresce espontaneamente na paisagem de nossa alma se tudo vem de fora já pronto, rotulado e catalogado. Com pressa e agitação eliminamos o mistério, a surpresa e o encantamento. Se mesmo assim algo novo teima em aparecer, logo é sufocado por nossa indiferença e desvalorização. Achamos que devaneios só produzem “bobagens” e que prestar atenção ao nosso interior é perda de tempo, “coisa de quem não tem o que fazer”.

Desenvolver uma atitude contemplativa é encorajar a criatividade da alma, valorizar suas imagens, sensações, sentimentos, intuições. É abrir espaço para reverência e encantamento diante do imenso poder da vida em suas múltiplas expressões. Reconhecendo e cultivando aquilo que sensibiliza nossa alma, revelamos sua luminosidade. É essa luz que, a partir de dentro, se estende sobre a vida dando-lhe beleza e significado.

Dentro de uma ampla concepção da vida, a morte se inclui como estágio transformador, pertinente e necessário. A contemplação também nos liga a partes duras, “feias” e difíceis que devem ser digeridas. Podemos, por exemplo, ver a inveja, o medo, a insegurança dentro de nós, e ver também no mundo a ganância, a violência, as guerras. Ao contemplar, não apenas olhamos, mas nos relacionamos com o objeto contemplado. Já que esse relacionamento vem do movimento horizontal, ele estabelece um elo afetivo, que nos toca e nos mobiliza, além do plano intelectual. Deixamos de ser espectadores passivos e percebemos a relação real entre o que somos e o que fazemos. Percebemos que tudo o que nos rodeia nos permeia e nos diz respeito.

MEDITAR É ESTAR INTEIRO – A contemplação busca diálogo e compreensão, sem críticas ou julgamentos. Por mais duros que sejam os acontecimentos, dentro ou fora de nós, eles pedem a atenção respeitosa e a reflexão aprofundada que o movimento vertical pode fornecer. Além disso, o movimento horizontal de “circum-ambulação” fornece novos pontos de vista,

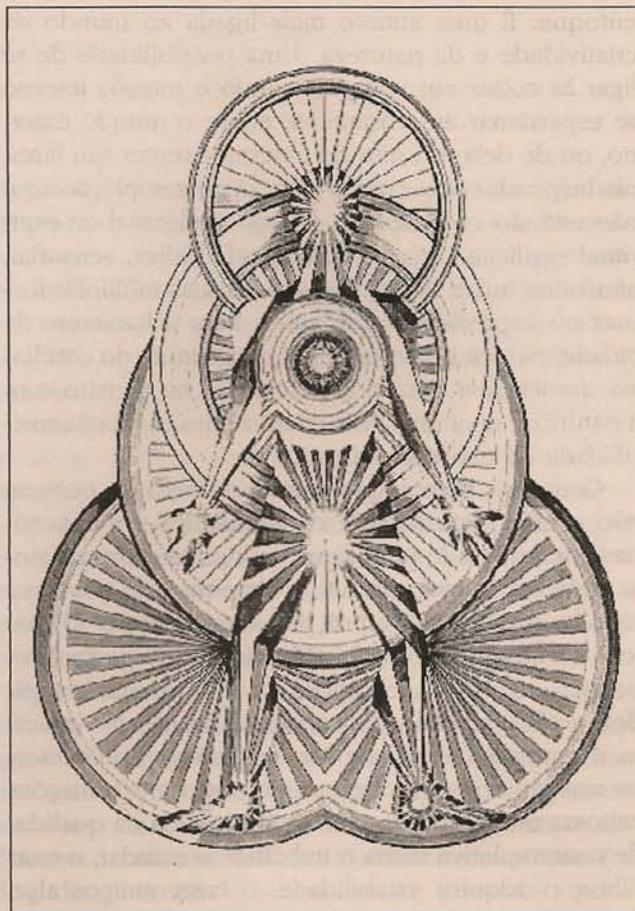
novas possibilidades de relacionamento com a dificuldade contemplada. Isso libera os conteúdos da sua forma fixa e literal possibilitando uma transformação mais poética, criativa e abrangente, seja na forma de relacionamento, seja no próprio núcleo da dificuldade.

A contemplação é benéfica tanto nos momentos difíceis quanto nos felizes, pois aprofunda e amplia as vivências, proporcionando maior aproveitamento da experiência. Muitas vezes deixamos escapar a intensidade de um momento de amor, de alegria, que pode nos nutrir, enriquecer e transformar, ao tratar a experiência superficialmente, sem reconhecer sua importância.

Ao contemplar alguma coisa, reconheço e afirmo sua existência. Posso realizar esse ato contemplativo comigo mesmo, com minha vida interior, iluminando e valorizando o que sou e, ao mesmo tempo, com o mundo que me rodeia. Qualquer objeto pode suscitar um estado contemplativo. A filosofia zen ensina que estar presente inteiramente em qualquer ação é estar em meditação. Por isso os monges zen aprendem a meditar nas atividades rotineiras como lavar, cozinhar, limpar. As artes em geral facilitam esse contato, desde que se permita uma apreciação cuidadosa e participativa – quer se trate de um belo poema, uma pintura, uma música. Podemos aproveitar qualquer evento da vida e transformá-lo em algo que nos sintonize com o potencial contemplativo – a natureza, uma conversa com um amigo, um momento de descanso, uma sombra na parede do quarto... qualquer coisa pode ser o catalisador desse processo.

A atitude contemplativa proporciona um estado especial de consciência que se reconhece mais facilmente à medida que lhe permitimos ocorrer mais e mais vezes. Há nesse estado uma sensação de inteireza, de presença, de lucidez e um profundo silêncio interior que produz paz, tranquilidade e equilíbrio. Não há pressa, nem ansiedade, porque não é o resultado da contemplação que importa. É o próprio processo, o estar em contemplação, que traz a vivência de harmonia. Não temos que sair correndo para nenhum lugar, já estamos lá. As transformações ocorrem naturalmente num fluir contínuo e espontâneo. Aos poucos, o movimento espiralado da contemplação vai desalojando a correria desenfreada, o círculo vicioso, a angústia. Todos os compromissos cotidianos (os mesmos compromissos de antes) vão sendo cumpridos e realizados, agora com ritmo e qualidade vivencial totalmente diferentes. A vida passa a ter intensidade e significado.

O MAR NOS OLHOS DO MENINO – Para realizar nosso potencial psíquico de contemplação não é preciso ir para o topo do Himalaia, ou fechar-se num monastério, ou mesmo tornar-se filósofo ou cientista a



Desenho de José e Miriam Argüelles

pesquisar os mistérios do Universo. A contemplação é cultivada em nosso interior, em silêncio, e desabrocha para o mundo em reverência, respeito e compreensão para com o que nos cerca. Não é algo que nos conduz ao isolamento. Pelo contrário, nos aproxima da vida com mais intensidade, mais equilíbrio e amor.

A maturidade é a fase em que esse potencial se expressa mais pleno, pois é quando pode ser conscientemente trabalhado e aprimorado, fornecendo a base para a sabedoria do final da vida. Porém, em qualquer idade podemos vivenciar momentos com qualidade contemplativa, instantes de profunda integração e harmonia. Esses instantes são as sementes de algo que pode florescer em toda sua magnitude, se soubermos nos abrir para cultivá-lo. A escritora Marguerite Duras descreve poeticamente um desses momentos em *O Verão de 80*. Um menino, parado na praia, contempla o mar. Isso intriga aos adultos, que lhe perguntam, sem obter resposta, o que faz ali parado há tanto tempo:

“E de repente vê-se. Não se fazem mais perguntas a ele. Deixa-se o menino em paz. Vê-se que o esplendor do mar está ali, ali nos olhos, nos olhos do menino.” ▲

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS DA EDITORA PALAS ATHENA

Mente Zen, Mente de Principiante, de Shunryu Suzuki

Uma obra que leva à reflexão sobre o que é a mente.

Mente de principiante é a mente aberta, pronta a acolher tanto a dúvida quanto a possibilidade de ver as coisas sempre de forma original.

Mente de principiante é a prática da mente Zen.

À medida que apresenta ensinamentos sobre posturas e respiração, o mestre Suzuki discorre sobre a não-dualidade, o vazio e a iluminação.

Cada página do livro exala a alegria e a simplicidade que possibilitam uma vida livre de condicionamentos.

Esta obra trata essencialmente da prática Zen: tanto a que é específica da meditação, quanto a que se realiza no dia-a-dia.

As Máscaras de Deus (volume II) – Mitologia Oriental, de Joseph Campbell

As Máscaras de Deus é uma das obras mais significativas e completas sobre as mitologias do mundo, percorridas pela visão arguta e peculiar de Joseph Campbell.

Dividida em quatro volumes, apresenta de modo comparativo as raízes de mitos, ritos e crenças que, por um lado, conferiram identidade a cada uma das culturas e, por outro, irmanam essas culturas em seus princípios fundamentais.

Neste segundo volume – *Mitologia Oriental* – Campbell faz uma incursão por toda a mitologia do Oriente, explorando seu desenvolvimento nas distintas expressões que adquiriu na Babilônia, Egito, Índia, China, Tibete, Coréia e Japão.

Resumo da obra completa

Volume	I	-	<i>Mitologia Primitiva</i>	(já publicado)
Volume	II	-	<i>Mitologia Oriental</i>	(lançamento em breve)
Volume	III	-	<i>Mitologia Ocidental</i>	(previsão de lançamento: 1995)
Volume	IV	-	<i>Mitologia Criativa</i>	(previsão de lançamento: 1996)

Ioga - Imortalidade e Liberdade, de Mircea Eliade

Mircea Eliade, um dos maiores historiadores das religiões e tradições espirituais, deixou uma extensa produção literária, traduzida em quase todas as línguas modernas.

Esta obra oferece-nos um estudo minucioso da Ioga, escola filosófico - vivencial que, originária da Índia, se propagou por toda a Ásia, influenciando até os dias de hoje as formas de pensamento, as técnicas de autoconhecimento, os processos de cura e os de harmonização das energias físicas, psíquicas e espirituais.

O Ocidente também recebeu o influxo da Ioga, sobretudo na área terapêutica, como instrumento para preservação e recuperação da saúde. Contudo, seu objetivo maior desde suas origens é o descondicionamento dos fatores temporais, espaciais e culturais a que é submetida a condição humana.

A originalidade de Mircea Eliade na abordagem do tema está em identificar a presença da Ioga como via espiritual no hinduísmo, tantrismo, budismo, taoísmo, xamanismo e na alquimia.

EPIFANIAS



No círculo dos joalheiros de Bassorah, ouvi um árabe contar esta história:
"Uma vez, perdi-me no deserto, sem provisões. Estava prestes a morrer quando subitamente vi de longe um saco. Nunca esquecerei a alegria que senti ao pensar que o saco contivesse grãos de trigo fritos e, depois, minha amargura e desespero quando descobri que só continha pérolas!"

SAADI
poeta persa do séc. XIII

THOT é uma publicação que não se limita a acompanhar as mudanças de idéias e fatos. **THOT** intervém nas mudanças, levando ao leitor as novas visões de mundo que surgem nas áreas da filosofia, das ciências, das artes, da mitologia e das tradições.

É nosso propósito refletir sobre a realidade interna e externa e compartilhar essa reflexão com nosso leitor: é ele o porta-voz dos novos rumos e aspirações que configuram o perfil de uma comunidade humana mais livre, responsável, compassiva e aberta.

Assim é **THOT**.

Participe conosco dessa aventura no mundo das idéias e dos fatos.

*Natureza é cor
Natureza é vida
Natureza, mãe-terra*



Binhos defendendo as cores do Pantanal.

**BINHOS
FOTOLITO**

Rua Miguel Teles Junior, 431
Fones: (011) 270-9609 / 270-9500
01540 - São Paulo - SP